



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**



**LUCIANE DE OLIVEIRA BERTULINO FERNANDES**

**LITERATURA EM QUADRINHOS: diálogos e ressignificações  
na formação do leitor da educação básica**

**Montes Claros/MG  
2016**

**LUCIANE DE OLIVEIRA BERTULINO FERNANDES**

**LITERATURA EM QUADRINHOS: diálogos e ressignificações  
na formação do leitor da educação básica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Profissionalizante em Letras – Estudos Linguísticos – Profletras, da Universidade Estadual de Montes Claros, como requisito final para obtenção do título de mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e letramentos.

Linha de pesquisa: Leitura e produção textual: diversidade social e práticas.

Sublinha: Práticas de Letramento e multimodalidade.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita de Cássia Silva Dionísio Santos

Liberado em 21/12/2016 - 

**Montes Claros/MG  
2016**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



LUCIANE DE OLIVEIRA BERTULINO FERNANDES

" *Literatura em quadrinhos: diálogos e ressignificações na formação do leitor da educação básica* "

Dissertação aprovada pela Banca Examinadora constituída pelas Professoras Doutoradas:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita de Cássia Silya Dionísio Santos – Orientadora (Unimontes)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Generosa Ferreira Souto (Unimontes)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marli Silva Frões (IFNMG)

Montes Claros (MG), 28 de novembro de 2016.

## AGRADECIMENTOS

Ao mestre maior, quem me guarda e me ergue para continuar.

À minha orientadora e amiga, Dra. Rita de Cássia, quem me mostrou o caminho, e me acompanhou na caminhada.

À Dra. Maria de Lourdes Guimarães, quem esteve comigo quando iniciei essa escrita, e tão gentilmente entendeu a mudança de percurso.

Aos alunos do 8º ano 15 da Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque, que, de forma graciosa, se envolveram nesta pesquisa.

À direção da Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque, equipe pedagógica e colegas professores, por reconhecerem a importância deste trabalho.

À Coordenação e equipe docente do Profletras da Universidade Estadual de Montes Claros, pelo trabalho desempenhado, pelo comprometimento e parceria neste projeto.

Aos colegas do Profletras, com os quais tive o privilégio de conviver e compartilhar essa experiência inigualável.

Ao meu esposo Aúde, grande amigo e parceiro, com quem divido tristezas e alegrias, e as árduas tarefas diárias.

Aos meus tesouros Ronaldo Lucas e João Victor, que me fazem querer ser alguém melhor.

Aos meus pais, Pedro e Dalva (In memoriam) – a eles devo tudo o que sou.

A minhas irmãs/amigas, Gláucia e Glaucilene, minhas companheiras.

Ao amigo Leandro Júnior, quem tão gentilmente me acompanhou quando essa pesquisa era apenas um sonho.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

Aos demais, que direta ou indiretamente, contribuíram para que essa pesquisa pudesse ser concluída.

*[...] aprendemos a ler literatura do mesmo modo como aprendemos tudo mais, isto é, ninguém nasce sabendo ler literatura. [...]. O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. O conhecimento de como esse mundo é articulado, como ele age sobre nós, não eliminará seu poder, antes o fortalecerá porque estará apoiado no conhecimento que ilumina e não na escuridão da ignorância.*

(COSSON, 2014)

## RESUMO

Esta pesquisa foi motivada no fato de que, empiricamente, tem-se constatado que grande parte dos alunos só leem quando é uma prática obrigatória. Nesse sentido, trabalhar as obras clássicas da literatura brasileira como estratégia de incentivo à prática da leitura literária espontânea, então, parece ser uma necessidade em nossas escolas. Nessa perspectiva, pretendeu-se responder à questão: O uso, nos círculos de leitura, de obras clássicas adaptadas para as histórias em quadrinhos pode motivar o aluno para a leitura literária, preparando-o para conhecer o texto original? Objetivou-se proporcionar aos alunos do 8º ano 15 da Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque a oportunidade de vivenciar atividades de leitura literária de forma que eles pudessem ressignificar essa prática. Realizada sob a perspectiva do método de investigação fenomenológico, já que se pretendeu fazer uma descrição direta da experiência realizada. O instrumento de obtenção dos dados referentes aos hábitos e atitudes dos alunos se constituiu de um questionário, com questões fechadas, o que facilitou a tabulação dos dados e direcionou as atividades que foram desenvolvidas, e algumas questões abertas, que permitiram aos alunos exporem suas opiniões e sugestões sobre o assunto analisado afim de se chegar ao objetivo pretendido. A partir dos dados obtidos com o questionário, foi desenvolvido um plano de ação de forma a intervir na prática pedagógica. A práxis, então, consistiu na aplicação dos “círculos de leitura” e estratégias de leitura com as “fichas de função”, desenvolvidos por Rildo Cosson (2014), utilizando-se obras da literatura clássica adaptadas para quadrinhos. Ao final do desenvolvimento do plano de ação outro questionário foi aplicado aos alunos envolvidos no projeto, com a finalidade de se perceber a avaliação pessoal de cada um sobre seu envolvimento com as atividades de leitura literária. Desse modo, percebemos que a leitura dos clássicos adaptados, utilizando as estratégias de leitura selecionadas por nós, fez com que os alunos percebessem a importância da leitura do texto literário, promovendo a experiência, a reflexão, e cumprindo o papel humanizador da literatura, nos termos de Candido (2004).

**Palavras-chave:** Ensino de literatura na educação básica; formação do leitor; literatura brasileira; história em quadrinhos.

## ABSTRACT

This research was motivated in the fact that, empirically, it has been verified which most students just reading when it is a mandatory practice. In this sense, work the classical handiwork of Brazilian literature as a practical incentive strategy of spontaneous literary reading, so, it seems to be a necessity in our schools. In this perspective, it purports answering the question: Does the use, in circles of reading, of classical handiworks adapted to the comics may motivate the student to the reading of literary preparing him to know the original text? It aimed to proportionate to the students from the 8th year 15 of Dr. Carlos Albuquerque Public School the opportunity to experience literary reading activities in a manner that they could give a fresh meaning to this practice. Realized under the perspective of the phenomenological research method, already it purported to make a direct description from the experience realized. The instrument of obtaining of data concerning the habits and attitudes of students consisted of a questionnaire, with closed questions, which facilitated the data tabulation and drove the activities that have been developed, and some open questions, which allowed students show up their opinions and suggestions on the subject analyzed in order to reach the desired goal. From the data obtained with the questionnaire, it was developed an action plan in order to intervene in pedagogical practice. The praxis, then, was the application of "reading circles" and reading strategies with the "function chips", developed by Rildo Cosson (2014), using works of classic literature adapted for comics. At the end of the development of the action plan another questionnaire was applied to the students involved in the project, with the finality to notice the personal evaluation of each one about their involvement with the literary reading activities. In this manner we notice that the reading of adapted classics, using reading strategies selected by us, made the students realized the importance of reading the literary text, promoting experience, reflection, and fulfilling its humanizing role of literature in terms of Candido (2004).

**Key-words:** literature teaching in basic education; reader formation; Brazilian literature; comics.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>14</b>
1.1 Histórico da leitura.....	15
1.2 Alfabetização, Letramento e Letramento literário .....	16
1.3 Importância da literatura e da leitura literária .....	19
1.4 Estratégias de leitura literária e o papel do professor na formação do hábito de leitura ..	20
1.5 A leitura clássica e os clássicos adaptados.....	22
1.5.1 Literatura em traços e cores – os quadrinhos .....	25
1.5.2 Os quadrinhos no Brasil .....	27
<b>2 PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>29</b>
2.1 A Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque .....	30
2.2 Os sujeitos da pesquisa.....	32
2.3 Método, metodologia e técnica de obtenção de dados .....	33
<b>3 ELABORAÇÃO DO PROJETO EDUCACIONAL DE INTERVENÇÃO - PEI.....</b>	<b>39</b>
3.1 Problema de pesquisa .....	40
3.2 Objetivo da pesquisa.....	40
3.3 Considerações teóricas .....	41
3.4 Percurso metodológico .....	41
3.5 Considerações .....	55
<b>4 APLICAÇÃO DO PROJETO EDUCACIONAL DE INTERVENÇÃO – PEI.....</b>	<b>56</b>
<b>5 DISCUSSÃO DE RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>74</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>85</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>89</b>
<b>APÊNDICE A-</b> Parecer consubstanciado do CEP .....	90
<b>APÊNDICE B</b> – Elementos de uma HQ .....	93
<b>APÊNDICE C</b> – Material produzido - acrósticos .....	103
<b>APÊNDICE D</b> – Material produzido – Recomendação espontânea de um livro .....	105
<b>APÊNDICE E</b> – Material produzido – Fichas literárias .....	108

# INTRODUÇÃO

*Abrir-se ao outro para compreendê-lo, ainda que isso não implique aceitá-lo, é o gesto essencialmente solidário exigido pela leitura de qualquer texto.*  
(COSSON, 2014, p. 27)

O baixo índice de leitura no Brasil já faz parte do cotidiano de sua população há um bom tempo. Segundo pesquisa do Ibope Inteligência/Fundação Pró-livro, a média anual de livros lidos no Brasil é de 1,8 por pessoa. Ocupamos o 27º lugar em hábito de leitura, enquanto na França a média é de 12 livros lidos por ano, na Espanha 11, nos EUA 10, na Argentina 6 e no Chile 5.

Essa falta de hábito espontâneo de leitura está presente de forma marcante em nossas escolas, o que reflete diretamente no fracasso escolar e no insucesso de nossos alunos em processos seletivos externos.

A *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (1996), constata a importância e a necessidade do domínio da leitura por parte dos alunos brasileiros. Assim prevê a Lei em seu artigo 32 e inciso I:

O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: (Redação dada pela Lei nº 11.274, de 2006)  
I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; (BRASIL/LDB, 1996).

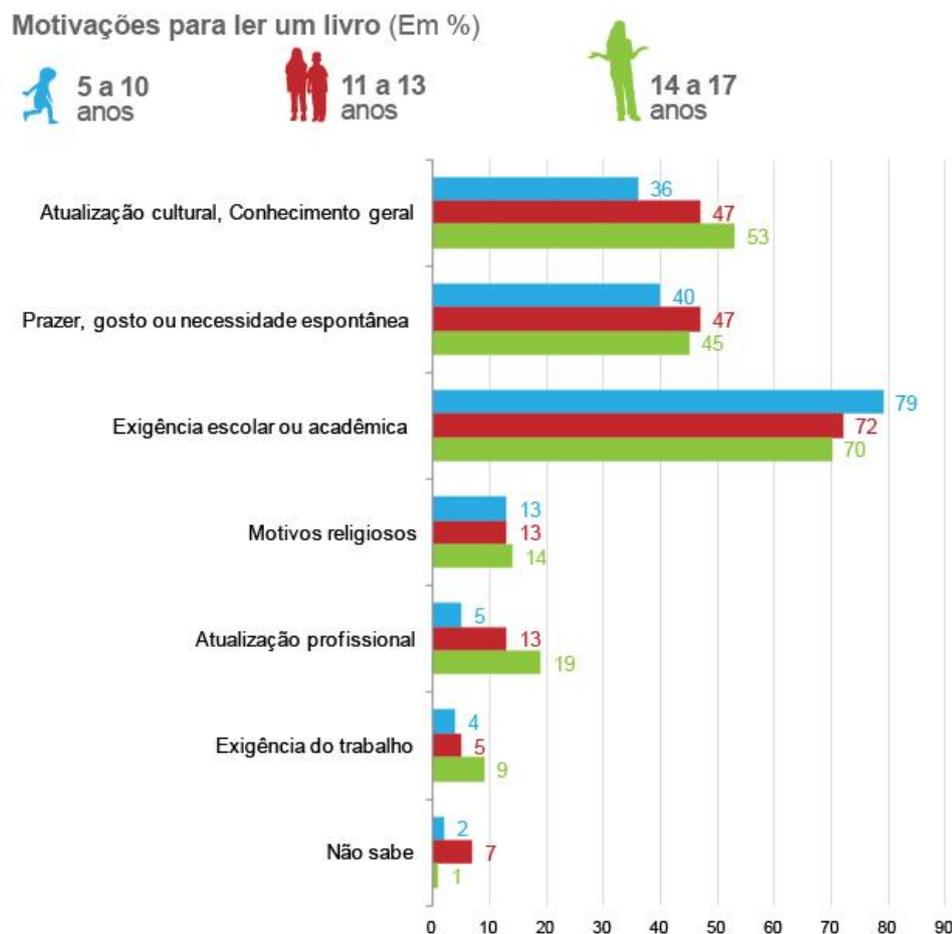
Saber ler tem um valor expressivo e positivo entre nós e, em contrapartida, a ausência dessa competência é vista de modo negativo. Dependemos da leitura e da escrita ao nascer, quando é feito o registro de nascimento, para cumprir com todas as nossas funções sociais, por exemplo, quando nos é dado um título de eleitor, e até para morrer, quando é feito o registro e comprovado através do atestado de óbito. Até para cálculos matemáticos pode-se utilizar possíveis subterfúgios, como o uso da calculadora, mas para a leitura não os temos. Por isso tantos programas de alfabetização são lançados, entre crianças e até adultos, a fim de se preencher as lacunas existentes.

Segundo Rildo Cosson (2014), em seu livro *Letramento literário: teoria e prática*, em que trata das práticas de letramento, as pessoas não leem porque não gostam, mas pelas condições estabelecidas entre o leitor e o texto, em sua maioria desmotivantes. O leitor proficiente é decorrente das atmosferas cultural e social que o circundam, sobretudo na escola, e em especial na sala de aula.

“Saber ler não torna uma pessoa mais inteligente ou mais humana, não lhe concede virtudes ou qualidades, mas lhe dá acesso a uma ferramenta poderosa para construir, negociar e interpretar a vida e o mundo em que vive” (COSSON, 2014, p. 33). Isso nos faz refletir sobre as práticas pedagógicas que vem sendo desenvolvidas e as metodologias adotadas ao longo do ensino, o que afeta as séries iniciais, e de forma ainda mais marcante os ensinos fundamental e médio, com um esvaziamento expressivo na promoção de eventos de letramento literário.

Empiricamente, notou-se que boa parte dos nossos alunos não tinham o hábito espontâneo de leitura. Os resultados da investigação sobre a motivação para a leitura de livro, realizada pelo Ibope Inteligência/Fundação Pró-Livro (2011) apontam para tal realidade – como demonstra o gráfico abaixo, extraído do site do g1.globo.com.

**FIGURA 1 – Resultados da investigação sobre a motivação para a leitura de livro**



Fonte: Ibope Inteligência/Fundação Pró-livro

G1.com.br

Fonte: (<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/03/criancas-e-adolescentes-estao-lendo-menos-indica-pesquisa.html>) > Acesso em: 03 fev. 2015.

Diante do exposto, verificou-se a necessidade de motivar a prática da leitura em instituições de ensino básico. A proposta foi que essa motivação para a pesquisa se desse, *a priori*, através da devida apresentação aos nossos alunos, de clássicos da literatura adaptados para os gibis, com linguagem moderna e apelo visual, respeitando o desenvolvimento cognitivo/faixa etária de nossos alunos.

Tendo em vista essas considerações, o problema que a pesquisa pretendeu resolver, então, foi: O uso, nos círculos de leitura, de obras clássicas adaptadas para as histórias em quadrinhos pode motivar o aluno para a leitura literária, preparando-o para conhecer o texto original? A turma escolhida para o desenvolvimento da pesquisa é o 8º ano - 15 da Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque, em Montes Claros/MG. A classe é composta por 35 alunos, com níveis diversos. A turma foi escolhida por ser uma das séries finais do fundamental que ainda apresenta desinteresse pela leitura, não são atraídos por ela, e, portanto, não desenvolveram o hábito de ler espontaneamente, o que pôde ser percebido empiricamente, pela atuação na turma. E para comprovar tal realidade, será realizada a coleta de dados por meio de um questionário.

Diante dessa observação surgiu o interesse em demonstrar essa realidade da Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque, seguida da iniciativa de desenvolvimento de um projeto educacional de intervenção por meio de estratégias de leitura através de adaptações de clássicos, que objetivasse motivar o hábito de leitura de deleite e autônomo pelos alunos.

Seria possível que o trabalho de apresentação de clássicos da literatura adaptados para as histórias em quadrinhos, doravante HQs, seguido de atividades de contextualização com o cotidiano particular do aluno, pudesse oportunizar condições favoráveis a uma possível ressignificação da leitura, sobretudo a literária, possibilitando, ainda, o interesse por outras narrativas.

Objetivou-se, com este trabalho, através da exploração de estudos teóricos críticos acerca da formação do leitor, da importância do ato de ler e da leitura literária na escola, e ainda considerações sobre os clássicos e suas adaptações, demonstrar a falta de hábito e o desprazer pela leitura literária dos alunos do 8º ano 15, do ensino fundamental, da Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque, e proporcionar a eles o desenvolvimento de atividades de leitura literária de clássicos adaptados para HQs, de forma que eles pudessem ressignificar essa prática, podendo torná-la um hábito autônomo e prazeroso, levando-se em conta o seu conhecimento prévio para que haja interação no ato da leitura, e o sentido do texto seja construído.

Este projeto de intervenção se justificou pela necessidade de se buscar alternativas para motivar as práticas autônomas de leitura literária, e não somente uma atitude obrigatória.

Seria possível que a importância do desenvolvimento da investigação e da intervenção residisse no fato de que a motivação da leitura pela professora de Língua Portuguesa, através da apresentação de clássicos da literatura adaptados para as HQs, sua manipulação e posterior leitura pudessem incentivar os estudantes a ressignificarem a sua prática de leitura literária, entendendo-a, também, como ato espontâneo, e que, possivelmente, os motivariam a outras leituras. Essa hipótese foi baseada no que propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCNs),

[...] para tornar os alunos bons leitores — para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura —, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisar torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a "aprender fazendo". Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente. (BRASIL, 1998, p. 17).

A motivação não acontece ao acaso, e vai muito além da tradução de um código linguístico. Possivelmente, se a escola desenvolver eventos de leitura estratégicos, nossos alunos poderão alcançar a autonomia leitora. Considerando que grande parte de nossos alunos só leem quando é uma prática obrigatória, trabalhar a adaptação de clássicos no incentivo à prática da leitura literária pode torná-la prazerosa, e é uma necessidade em nossas escolas. A aparente facilidade de leitura desses livros, já que utilizam linguagem que pertence ao horizonte de seus leitores, pode ajudar a quebrar a resistência dos alunos, “sobretudo dos mais jovens, mais interessados em outras formas de comunicação ou entretenimento” (COSSON, 2014, p. 33).

Além da peculiaridade da literatura em promover o encontro do indivíduo consigo mesmo, com o mundo, desenvolvendo seu senso crítico e a reflexão sobre questões relacionadas à condição humana, como as relações de trabalho, familiares, sociais e amorosas. Edgar Morin, em *A cabeça bem feita: repensar a reforma, repensar o ensino*, vislumbra na literatura um dos melhores instrumentos para “o ensino sobre a condição humana”, em que esta “pode adquirir forma vívida e ativa, para esclarecer cada um sobre sua própria vida” (MORIN, 2000, p. 49).

Assim, compreendendo a importância da leitura para o conhecer-se e se relacionar é que se propôs o estudo da leitura e aplicação de estratégias de leitura para a motivação do hábito de leitura literária.

# **CAPÍTULO I**

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

## 1.1 Histórico da leitura

*[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.*  
(FREIRE, 2005, p. 20)

Até a antiguidade clássica, a leitura, tal qual temos hoje, não existia, por falta de textos longos e de público leitor. Apenas tinham motivos para ler aqueles que precisavam fazer cálculos para conferir uma conta ou verificar um rótulo.

Os métodos de escrita primitivos possuíam códigos conhecidos por um pequeno grupo. A leitura e a escrita eram apenas complementos ao discurso oral.

O homem Neandertal e os primeiros Homo Sapiens entalhavam em ossos os fatos que lhes traziam algum significado – pontuação de um jogo, marcações de dias ou de ciclos lunares. Tribos primitivas liam extensas mensagens imagéticas em cascas de árvores ou em couro, ricas em detalhes. Em diversas sociedades antigas, varetas eram lidas para a contagem de quantidades. Sinalizações permitiam que mensagens simbólicas fossem lidas à distância: bandeiras, fumaça, fogo, reflexos em metais polidos e outros dispositivos.

Nas palavras de Steven Roger Fischer, em *A História da leitura*, a escrita, em seu sentido amplo, é a “sequência de símbolos padronizados (caracteres, sinais ou componentes de sinais) com a finalidade de reproduzir graficamente a fala e o pensamento humanos entre outras coisas, no todo ou em parte” (FISCHER, 2006, p. 14).

Pequenas fichas ou moedas de argila de diversos formatos geométricos, contendo linhas, cruces, círculos e outras figuras, foram lidas por cerca de oito mil anos no Oriente Médio, em um rudimentar sistema de registro contábil, em que cada ficha representava determinada mercadoria e a sua forma identificava o tipo de produto.

Há dez mil anos, o povo aziliano da França pintava cruces, listas e outras imagens em pedras para que fossem lidas como um código de algo cujo significado, atualmente, é desconhecido.

Com o passar do tempo, os pictogramas tornaram-se padronizados e abstratos, mas mantiveram seu valor fonético.

Uma mudança de paradigma ocorreu quando os escribas sumérios começaram a coordenar de modo sistemático sons e símbolos (incluindo-se pictogramas) a fim de criar “sinais” de um sistema de escrita. Uma figura deixava de representar uma mercadoria real, como uma ovelha, mas, em vez disso, passava a indicar um valor sonoro específico. E devido a isso, a escrita incompleta passou a ser completa.

Segundo Fischer (2006), para a escrita ser considerada completa e servir como modelo, deve-se satisfazer a critérios específicos, que objetivam a efetivação da comunicação através da tradução dos sinais sonoros em gráficos sobre superfícies duráveis, ou de modo eletrônico, articulando-os ao discurso.

E a leitura em sua forma verdadeira surgiu quando se começou a interpretar um sinal pelo seu valor sonoro isoladamente em um sistema padronizado de sinais limitados. Ao invés de palavras isoladas, agora eram transmitidos textos completos, e a leitura deixava de ser uma transferência de objeto para a palavra, para se tornar uma sequência que recriasse a linguagem natural humana. Ao invés de imagens, lia-se, linguagem.

Enfim, os três critérios exigidos pela escrita, citados por Fischer, foram satisfeitos, e o sinal tornou-se som, libertado do seu referencial externo, e disseminado por todo o mundo, onde idiomas diferentes e necessidades sociais distintas, de acordo com cada região, exigiam outras expressões gráficas.

Dentre as inúmeras formas de uso da palavra, em *Letramento literário: teoria e prática*, Rildo Cosson destaca a escrita como ocupante de lugar central. “Praticamente todas as transações humanas de nossa sociedade letrada passam, de uma maneira ou de outra, pela escrita, mesmo aquelas que aparentemente são orais ou imagéticas” (COSSON, 2014, p. 16). Toda a nossa vida, desde o nosso nascimento, é permeada pela escrita, e dela dependemos por diversos momentos em nossas relações sociais. Daí a importância da evolução no uso das palavras no decorrer dos tempos.

## 1.2 Alfabetização, Letramento e Letramento Literário

*[...] enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito.*  
(FREIRE, 2005, p. 19)

Na época da escrita primitiva, alfabetizado era quem conseguia decifrar os símbolos padronizados que eram utilizados, sendo capaz de lê-los e escrevê-los. Porém, com a expansão da escrita, tornou-se necessário o abandono gradativo dos símbolos e a adoção de um sistema que se aproximasse cada vez mais da fala. E inclui-se no processo de invenção da escrita as regras de alfabetização, que são, segundo Luiz Carlos Cagliari no livro *Alfabetizando sem o bábé-bi-bó-bu*, “as regras que permitem ao leitor decifrar o que está escrito e saber como o sistema de escrita funciona para usá-lo apropriadamente” (CAGLIARI, 1998, p. 15).

Segundo o *Dicionário Aurélio*, Alfabetização é “Ação de alfabetizar, de propagar o ensino de leitura, ou, Conjunto de conhecimentos adquiridos na escola.”

O *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* define alfabetização como “Ato ou efeito de alfabetizar, de ensinar as primeiras letras 1 PED iniciação no uso do sistema ortográfico 1.1 PED processo de aquisição dos códigos alfabético e numérico; letramento 2 ato ou efeito de propagar o ensino ou difusão das primeiras letras.”

Para Silveira Bueno, no *Dicionário da língua portuguesa*, alfabetização é a “Ação de alfabetizar, de propagar o ensino da leitura.”

Então, os conceitos de alfabetização parecem nos conduzir a uma prática voltada apenas para codificação ou decodificação dos códigos, sem uma compreensão mais profunda do que se lê, e é o que comumente se percebe nas práticas escolares, nas séries iniciais. Prática em que, segundo Magda Soares, “o indivíduo aprende a ler e a escrever, mas não adquire o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam” (SOARES, 2009, p. 19). Conforme aponta Francisco Silva Cavalcante Junior em *Por uma escola do sujeito: o método com(texto) de letramentos múltiplos*, com essa prática, a criança, desde os primeiros anos escolares, aprende que um texto é um conjunto de palavras cujo significado não interessa (CAVALCANTE JUNIOR, 2003, p. 12).

É preciso levar em consideração a importância do ensino da leitura e da escrita como decifração do mundo e da linguagem, desenvolvendo “comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais” (SOARES, 2009, p. 97), e diante dessa necessidade de novas práticas e de leituras e releituras acerca da educação é que, recentemente, há pouco mais de vinte anos, foi introduzido na linguagem da educação um novo significado para a aquisição da leitura e da escrita, o letramento, que segundo o *Dicionário Aurélio*

Ato ou efeito de letrar(-se). 2. *Bras. Educ. E. Ling.* Estado ou condição de indivíduo ou grupo capaz de utilizar-se da leitura e da escrita, ou de exercê-las, como instrumentos de sua realização e de seu desenvolvimento social e cultural: “Letramento é palavra recém-chegada ao vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas” (Magda Soares, *Presença Pedagógica*, de jul./agosto de 1996).  
(FERREIRA, 2001, p. 455)

Uma nova forma de ver os fatos e o surgimento de novas ideias para lidar com os mesmos é que trouxe à tona o termo letramento, que Magda Soares define em seu livro *Letramento: um tema em três gêneros* como o “resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; O estado ou condição que adquire um grupo social ou um

indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais” (SOARES, 2009, p. 39).

A prática do letramento parece-nos muito mais abrangente e impactante, pois, sendo letrado e não apenas alfabetizado (sendo a alfabetização uma etapa do letramento), o indivíduo seria inserido nas práticas sociais de leitura e escrita. É muito mais que adquirir a “tecnologia” do ler e escrever, é inferir – saber ler as entrelinhas, entender o que se está lendo – o contexto, fazendo conexões. É tornar-se (aluno, indivíduo, grupo) capaz de fazer uso social e cultural da leitura e da escrita, no dia a dia, como instrumentos de realização social e cultural, em ações concretas de cidadania, na busca e aquisição de informações como ser autônomo.

Francisco Silva Cavalcante Junior ainda avança apontando e defendendo outras numerosas e diferentes formas de representação, “múltiplas formas de composição de sentido: imagens, sons, formas plásticas, expressão corporal... múltiplos letramentos.” Oportunidade que o indivíduo teria de fazer a leitura de mundo e de vida, colocando no papel, na argila, no pincel ou nas cordas do violão os seus sentimentos.

Para o autor a escola deve ser uma escola do sujeito, a que acolhe e incentiva múltiplas formas de composição de sentido, e o aluno se tornaria um agente de transformação pessoal e social.

Em *Círculos de leitura e letramento literário*, Rildo Cosson discute a concepção de leitura, sendo tantas, que as denomina no plural, e ressalta a importância de escolher aquela que vem, principalmente de Bakhtin, que toma a leitura como um diálogo. Então, para Cosson, “[...] ler é produzir sentidos por meio de um diálogo” (COSSON, 2014, p. 35), e esse diálogo pode ser sobre questões triviais, a leitura de uma revista em um consultório ou no aeroporto, a conversa no preenchimento de formulários, etc. E pode ser também um diálogo com o passado, quando se ouve a experiência do outro. Nesse sentido, entrariam as relações que se estabelecem nos diversos contextos sociais, e todo o conhecimento que é construído nas experiências vividas, dentro e fora da escola.

### 1.3 Importância da literatura e da leitura literária

*[...] a literatura de que falam os que resmungam  
continua vida, vai bem, obrigada,  
e até manda lembranças.  
(LAJOLO, 2001, p. 10)*

Antonio Candido em “O direito à literatura”, texto que integra a coletânea *Vários escritos*, de 2004, considera a literatura, de maneira ampla, como “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações” (CANDIDO, 2004, p. 174).

Nesse sentido, deparamo-nos com literatura a todo momento, sendo ela a “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos”. Ela se revela em todos os momentos, a todos, analfabetos e doutores, “na anedota, no causo, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance” (CANDIDO, 2004, p. 175).

Segundo Candido (2004), a literatura tem um papel humanizador. Entende-se por humanização, ainda conforme o autor:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres. (CANDIDO, 2004, p. 180)

A literatura desperta no leitor sentimentos inerentes ao ser humano, como raiva, ira, rancor, compaixão, amor, dentre outros, e parece permitir também uma transcendência da realidade, já que este, muitas vezes, pode estar trancafiado em realidades cruéis, geralmente impostas por uma sociedade que não acolhe, desprovida de humanidade, em um governo que nega os direitos essenciais à vida, a proteção, e famílias consequentemente desestruturadas, pois a literatura, segundo Candido “[...] confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 2004, p.75).

Conforme as Orientações Curriculares para o Ensino Médio,

[...] todos têm direito à apropriação da arte literária. Diríamos mesmo que tem mais direito aqueles que tem sido, por um mecanismo ideologicamente perverso, sistematicamente mais expropriados de tantos direitos, entre eles o de pensar por si mesmos. (BRASIL, 2006, p. 53)

Em seu artigo “O direito à literatura”, Antonio Candido faz a distinção de pelo menos três faces na literatura:

[...] (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (CANDIDO, 2004, p. 176).

Nesse sentido, uma obra deve ser construída com elementos que consigam sensibilizar o indivíduo, alterando sua visão a respeito do mundo e das relações humanas, e por fim, produzir conhecimento. Além da obtenção de conhecimento, é libertador, também, desenvolver a construção e a manifestação de emoções que a leitura produz. Importa-nos, então, considerar os três aspectos simultaneamente. O texto literário expressa os sentimentos e a visão de mundo de quem o escreve, leva o seu leitor à reflexão sobre as relações humanas, e traz consigo uma visão social e um contexto histórico, e, ainda, segundo o autor, produzindo a humanização, através da construção do objeto, produzida através da palavra. E essa ordenação do objeto permite ao leitor a organização da própria mente e da visão que tem do mundo.

A literatura tem lugar singular em relação à linguagem, ela produz o domínio da palavra através da própria linguagem, e tem o poder de “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2014, p. 17).

#### **1.4 Estratégias de leitura literária – O papel do professor na formação do hábito de leitura**

*[...] é preciso que quem sabe saiba sobretudo que ninguém sabe tudo e que ninguém tudo ignora.*  
(FREIRE, 2005, p. 27)

Um leitor competente é aquele que compreende o que lê e se posiciona na busca de informações que não estão explícitas, que se apoiam nos dados não oferecidos pelo autor. Segundo os PCNs (1998), leitores competentes também são capazes de, por iniciativa própria,

selecionar dentre vários trechos que circulam socialmente, aqueles que atendam a sua necessidade no momento.

Patrícia Kátia da Costa Pina, em seu livro *Literatura em quadrinhos formando leitores hoje*, defende que “a formação do leitor e o ensino da literatura dependem da “sedução” (PINA, 2014, p. 15). E esse é um grande desafio, pois, ainda segundo a autora, o universo a que os nossos adolescentes pertencem é de sociabilidades rápidas e fragmentadas, e para ler um livro, o jovem precisa abrir mão do que para ele é diversão - ir ao cinema, namorar, jogar, praticar esportes. E é papel da escola mostrar aos alunos que a leitura pode ser algo interessante e desafiador, algo que poderá lhes proporcionar autonomia e independência.

Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura, que não se restrinjam apenas aos recursos materiais, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é aspecto determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura.

O leitor utiliza diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, e, nesse sentido, a leitura é considerada um processo interativo. Kleiman, em seu livro *Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura*, afirma que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão (KLEIMAN, 2002, p.13).

Vincent Jouve, no livro *Por que estudar literatura? Discute os contratos de leitura existentes entre o texto literário e o texto científico, tendo estes atos verbais específicos, que não tem a mesma finalidade. Segundo Jouve, um físico quando escreve soube exatamente o que quis dizer, enquanto no texto literário “[...] o artista nunca domina completamente aquilo que faz”. “[...] O autor não tem plena consciência nem daquilo que produziu, nem do modo como se investiu nessa produção” (JOUVE, 2012, p. 83). Ainda segundo Jouve, “as modalidades da criação artística explicam três das principais características do sentido literário: ele é diverso; ele não é inteiramente conceitualizado; ele ilumina dimensões do humano” (JOUVE, 2012, 84). A obra é sempre mais do que o que o autor quis dizer, ela perpassa mundos, e transforma vidas, em suas infinitas leituras.*

Edson Gabriel Garcia afirma em seu livro *A leitura na escola de 1º grau: por uma leitura da leitura que os professores devem “[...] praticar a leitura, capacitando o leitor a desenvolver o gosto pela leitura” (GARCIA, 1992, p. 31). Se o professor não mantém o hábito de leitura, dificilmente conseguirá motivar seu aluno.*

Parece-nos conveniente pensar que o professor não deve figurar apenas um mero transmissor do conhecimento, mas como alguém que leva o aluno a construir seu próprio conhecimento e a transformar sua realidade social. Busnardo e Braga afirmam em seu artigo

“Uma visão neo-gramsciana de leitura crítica: contexto, linguagem e ideologia” que “Cabe ao professor intervir com as suas próprias interpretações, com a introdução de outros mundos e outros olhares”, além de “[...] valorizar a experiência vivencial do aluno” (BUSNARDO; BRAGA, 2000, p. 97). Nesse sentido, temos dois sujeitos se contextualizando, o aluno se situando a partir de sua experiência de mundo, de vida, e o professor apresentando novos olhares, novos discursos.

O professor atua como mediador entre o livro e o leitor, apresentando o material literário, possibilitando ao aluno o possível gosto por esse material, o interesse por sua leitura e o conseqüente hábito prazeroso. “De novo, o papel do professor em tal pedagogia seria, em parte, explicitar ou explicar contextos – incluindo mundos ideológicos e universos de discurso – que tornariam o texto menos opaco e mais interpretável pelo aluno” (BUSNARDO; BRAGA, 2000, p. 100). Através da leitura individual e discussão coletiva da obra literária, a reflexão e o senso crítico podem ser desencadeados, através da “comparação, pelo leitor, entre o seu próprio universo social e o universo do texto” (BUSNARDO; BRAGA, 2000, p. 94). E para que o docente possa desenvolver um trabalho pedagógico eficiente na formação de sujeitos-leitores ele é quem primeiro precisa ter o hábito de leitura e tornar-se um ser crítico. Professores que não são leitores dificilmente conseguirão incentivar tal prática em seus alunos. Segundo Ana Maria Machado em *A leitura deve dar prazer*, “dois fatores contribuem para que a criança se interesse pela leitura - curiosidade e exemplo. Assim é fundamental ao professor mostrar esse interesse” (MACHADO, 2001, p. 21).

### 1.5 A Leitura Clássica e os clássicos adaptados

*Os clássicos são livros que, quanto mais  
pensamos conhecer por ouvir dizer,  
quando são lidos de fatos mais se revelam  
novos, inesperados, inéditos.  
(CALVINO, 2007, p. 12)*

A expressão clássico surgiu derivada do adjetivo latino *classicus*, que indicava o cidadão pertencente às classes mais elevadas de Roma. No século II d.C., durante o Renascimento, o termo *clássico* reapareceria, seja em textos latinos, seja nas línguas vernáculas, referindo-se tanto a autores greco-latinos quanto a autores modernos da própria época.

No século XVIII, o termo se estenderia aos autores que aceitavam os cânones da retórica greco-latina: ordem, clareza, medida, equilíbrio, decoro, harmonia e bom gosto.

*Clássico*, indicando modelo exemplar, cristalizou-se como tradição, como cânone gramatical e semântico, como um conjunto de regras imutáveis, isto é, universais e históricas.

No século XIX, o Romantismo começou a destruir a rigidez conservadora que envolvia a ideia de uma obra clássica. Victor Hugo mandou as regras às favas, abrindo um caminho mais liberto para a criação literária. Contudo, foram as vanguardas das primeiras décadas do século XX - especialmente Futurismo e Dadaísmo - que levaram a ruptura com o classicismo às últimas consequências, propondo a destruição de bibliotecas, museus e tudo aquilo que representasse a tradição.

O termo clássico hoje indica uma obra artística superior, definitiva e que, por seus vários elementos estético-ideológicos, aproxima-se daquilo que chamaríamos de perfeição. Para que uma obra seja considerada um clássico, é necessário que tenha sobrevivido e revisitado várias gerações. O tempo é elemento fundamental para dizer se um livro é clássico ou não. “Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos.” E “O “seu” clássico é aquele que não pode ser-lhe indiferente e que serve para definir você próprio em relação e talvez em contraste” (CANDIDO, 2004, pp. 12-13).

Muitos clássicos passaram por adaptações diversas, e uma delas são os quadrinhos. As adaptações de clássicos para quadrinhos nasceram nos Estados Unidos na década de 40. A coleção original era seriada e se chamava *Classics Illustrated*. Foi traduzida para mais de 26 idiomas em 36 países. O Brasil importou esta coleção por Adolfo Aizen, da Ebal – Editora Brasil América, que publicou por aqui mais de 200 títulos, sendo que muitos deles eram criações originais, quadrinizações de obras brasileiras, principalmente José de Alencar, mas também autores como Bernardo Guimarães, Manuel Antônio de Almeida, Camilo Castelo Branco, Dinah Silveira, entre outros.

No Século XX as adaptações ocorriam com o objetivo de popularizar obras clássicas e oferecer algum prestígio à linguagem dos quadrinhos, jovem e vítima de muitas críticas por parte dos pais e educadores na época.

A coleção brasileira de adaptações de clássicos no século XX foi muito popular entre as décadas de 40 e 60. O ressurgimento que atestamos hoje iniciou-se em 2006, por diferentes motivos, dentre os mais importantes, a ampliação do conceito de Letramento previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (doravante LDB) e PCNs, citado anteriormente. “Há uma tendência explícita das autoridades de ensino em enxergar nas versões quadrinizadas de clássicos uma ponte para a leitura” analisa Paulo Ramos, jornalista e professor do Departamento

de Letras da Universidade Federal de São Paulo, no artigo “Literatura Gráfica”, publicado na revista Azul Magazine (04.2015, p. 29).

Helena Gomes, autora da adaptação *Tristão e Isolda*, finalista do prêmio Jabuti 2011, concorda que a história original deve ser preservada, e lembra que “a missão principal do uso das adaptações é cativar o leitor principiante”, e ainda ressalta que “não se pode perder de vista a função principal de toda adaptação: ser o primeiro contato do jovem leitor com a obra, preparando-o para, no fundo, conhecer o texto original.”

As adaptações são um bom caminho para os primeiros passos de um leitor em formação, elas dialogam primeira obra, e podem ser capazes de despertar no principiante a curiosidade de lê-la.

Segundo Gírlene Marques Formiga e Francilda Araújo Inácio no artigo “Literatura no Ensino Médio: reflexões e proposta metodológica” “as novas formas de ler são criadas levando-se em conta as categorias intelectuais que asseguram a compreensão da obra pelo destinatário. Nesse aspecto, a escola promove a democratização do acesso ao clássico pelas adaptações, um processo de ruptura, mas também de continuidade de um texto clássico” (FORMIGA; INÁCIO, 2013, p. 22).

Em seu livro *Silenciosa algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leituras*, Ana Maria Machado, ao falar sobre a presença de intertextualidades na literatura infantojuvenil contemporânea, conclui que a adaptação, que a autora chama de reescrita, seria, na verdade, uma criação de outra obra, [...] “com sua própria originalidade. Não uma condensação ou adaptação. Jamais uma reiteração. Trata-se apenas do aspecto que assume a continuidade de uma criação coletiva da humanidade” (MACHADO, 2011, p. 99).

Quando se pensa na criação de uma nova versão daquela primeira obra, de certo modo adaptada, mas ainda uma nova criação, com suas peculiaridades, valorizando ali as particularidades da nova obra, como uma reinvenção, conforme afirma ainda Ana Maria Machado, “cada paradigma propõe dialeticamente a invenção de outro, no novo sintagma que será a prática criadora de cada autor” (MACHADO, 2011, p. 99). Quem sabe para atender a um público-leitor que se inebria com a produção ora abordada, as HQs. A escrita de uma nova obra a partir dos clássicos não os substitui, mas, além de sua escrita estar voltada à contemporaneidade, com uma apresentação e vocabulários que respeitam e até privilegiam o público adolescente, também pode remetê-los à curiosidade em relação à primeira obra e à concomitante ou posterior leitura dela.

Assim, o que aqui se propôs foi disponibilizar o acesso às adaptações escolhidas, podendo manuseá-las, refletir sobre a produção das mesmas, considerando seus aspectos

particulares, e realizando as leituras coletivamente, ora em um grande grupo, ora em pequenos grupos. Além disso, foram apresentados aos alunos, a título de curiosidade e conhecimento, algumas obras diversas, com versão adaptada para novos leitores, como *Robinson Crusóé*, de Daniel Defoe, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, *O Alienista*, de Machado de Assis, todos da Coleção *É só o começo*, além da primeira obra das HQs que foram utilizadas, momento em que os alunos tiveram oportunidade de folhear os livros, perceber algumas de suas diferenças estéticas, e puderam, posteriormente, de forma autônoma, extraclasse, fazer a possível leitura das mesmas.

### 1.5.1 Literatura em traços e cores – os quadrinhos

*A palavra é linear, a visão é espacial-  
pode-se desenvolver em todas as direções.  
É preciso cultivar a visão.  
A nossa é a era do espaço.  
(MOYA, 1972, p. 119)*

Os textos que foram utilizados são fruto de uma produção que enfatiza a modalidade visual como um dos elementos representativos dos mesmos. Essas obras se utilizam da multimodalidade, advinda da teoria semiótica, que enfoca, conforme Diana Luz Pessoa de Barros define em seu livro *Teoria semiótica do texto*, “o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (BARROS, 2005, p. 11). Nesse sentido, a semiótica estuda não só o que o texto diz, mas também todos os recursos utilizados para se dizer. Os textos que estudamos se utilizam das modalidades verbal, escrita e não-verbal, imagética, e são recursos utilizados pelo autores para expressarem o que se quer dizer, e produzir sentido. Como afirma Waldomiro Vergueiro em seu livro *Quadrinhos e educação popular no Brasil*:

[...] a interligação texto/imagem ocorre nos quadrinhos com uma dinâmica própria e complementar, representa muito mais que o simples acréscimo de uma linguagem a outra – como acontece, por exemplo, nos livros ilustrados -, mas a criação de um novo nível de comunicação [...] (VERGUEIRO, 2009, p. 22)

Segundo Patrícia Kátia da Costa Pina (2014), a literatura pertenceu, desde a antiguidade clássica, quando ainda primava pela oralidade, aos segmentos privilegiados, se destacando em momentos específicos, e os quadrinhos representam o rompimento com esta literatura elitizada. Ainda segundo a autora, pode-se destacar a presença de roteiristas, desenhistas, coloristas, etc., e um ou mais adaptadores, representando muitas vezes no texto, traço característico das HQs.

Os quadrinhos trazem uma linguagem híbrida, com características bem peculiares ao gênero. Segundo Patrícia Kátia da Costa Pina no artigo “Literatura em quadrinhos”, publicado no livro *Literatura infantil em gêneros*, “ao ler quadrinhos, o indivíduo precisa conjugar a imagem e a palavra, e a imagem não se reduz ao desenho da personagem ou da cena, ela engloba do traço demarcador da vinheta até o rabicho do balão que acolhe a fala” (PINA, 2012, p. 66).

A linguagem básica da HQ é a visual ou icônica, e é transmitida através de uma sequência de quadros, que, ainda conforme a autora, devem ser lidos de cima para baixo e da esquerda para a direita, como acontece nos países ocidentais. Essa mesma leitura deve acontecer dentro dos quadros, e a disposição das personagens segue a mesma ordem, assim como suas falas.

O quadrinho, também chamado por Patrícia Pina de vinheta, constitui a representação por meio de uma imagem fixa, de um instante específico. Um quadrinho pode expressar uma ou várias ações, e possui formatos diversos, o que ressalta o dinamismo necessário ao leitor atual.

Para dar ideia de mobilidade do gênero, são utilizadas as figuras cinéticas, e as mais comuns, conforme Waldomiro Vergueiro no artigo “Quadrinhos e Educação Popular no Brasil” são “as que expressam trajetória linear (linhas ou pontos que assinalam o espaço percorrido), oscilação (traços curtos que rodeiam um personagem, indicando tremor ou vibração), impacto (estrela irregular em cujo centro se situa o objeto que produz o impacto ou lugar onde ele ocorre, entre outras)” (VERGUEIRO, 2009, p. 54).

Ainda se tem as metáforas visuais, que como afirma Waldomiro Vergueiro, reforçam o conteúdo verbal. Sua variedade é imensa, e são expressões comumente do senso comum, e facilitam o entendimento, como ‘levantar com as galinhas’, e podem aparecer dentro ou fora dos balões.

A linguagem verbal utilizada nas HQs expressa a fala ou o pensamento dos personagens, a voz do narrador e os sons que aparecem nas narrativas. Normalmente, essa linguagem é apresentada dentro de linhas circulares, os balões, e ficam próximas das personagens, e a expressão do narrador aparece no canto esquerdo das vinhetas, em um retângulo. Ainda conforme Waldomiro Vergueiro, há certas convenções estabelecidas quanto às linhas que delimitam os balões, e que precisam ser conhecidas para que se entenda a montagem da narrativa. As linhas tracejadas – “transmitem a ideia de que o personagem está falando em voz muito baixa”; o balão pensamento indica que “as palavras que nele estão contidas são pensadas pelo personagem e não pronunciadas por ele”; “com traçado em zig-zag, semelhante a uma descarga elétrica – indica uma voz que procede de um aparelho mecânico como telefone, robô,

alto-falante, etc”, ou “o grito de um personagem”. Se estiver “levando para fora do quadrinho, indica que está sendo emitida por alguém que não aparece na ilustração”. Com múltiplos rabichos, indica muitos personagens falando ao mesmo tempo (VERGUEIRO, 2010, pp. 56-59).

Ainda como característica comum das HQs, temos a onomatopeia, que segundo o *Dicionário Aurélio* é o processo de formação de uma palavra cujo som imita aproximadamente o som do que significa. Álvaro de Moya em seu livro *SHAZAM!* cita a plasticidade que as onomatopeias assumem nos quadrinhos; “passaram a ser desenhadas; o tamanho, a cor, a forma, a espessura, etc” (MOYA, 1972, p. 112), possuem destaque, e são grafadas em caracteres maiores, e às vezes até menores, indicando, por exemplo, que o personagem está falando baixo. Dentre as inúmeras existentes, temos, por exemplo, explosão: bum! Sono: zzzzzzzzzzzz, representação do som do galo: co-co-ri-có, entre outros.

Para que os principiantes leitores de HQs compreendam e interajam com a leitura dos quadrinhos, é importante que conheçam essas estratégias utilizadas em sua construção, pois, conforme Paulo Ramos, em *A leitura dos quadrinhos*, eles “[...] gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos” (RAMOS, 2009, p. 17).

### 1.5.2 Os quadrinhos no Brasil

*Vamos aprender a ver nas histórias  
em quadrinhos como é o mundo; as miniaturas  
desenhadas ou fotografadas são mais semelhantes  
às coisas do que as palavras.  
(MOYA, 1972, p. 119)*

Os quadrinhos surgiram no Brasil em 1869. A primeira história em quadrinhos no Brasil foi feita por Angelo Agostini (italiano radicado no Brasil). Então, os quadrinhos foram colocados nos jornais. Surge, então, a primeira versão impressa: *O Tico Tico*, em 1905. Agostini introduz também desenhos (charges), sátiras políticas e sociais nos jornais brasileiros.

Em 1939, surge a revista *O Gibi*, nome que mais tarde se torna sinônimo de HQs no Brasil. Em 1952, a Editora Abril adota um formato padrão para as HQs brasileiras. Em 1960, surge uma revista em quadrinhos com personagens e temas brasileiros. Heróis brasileiros também foram lançados em revistas.

Com o golpe militar, a nova onda de moralismo se contrapõe aos quadrinhos. Ainda assim charges jornalísticas eram publicadas, as quais criticavam a ditadura.

Em 1967, surgem os mangás, pela Editora EDREL (Editora de revistas e livros), e, por serem considerados estranhos na época, foram adotados padrões norte-americanos ou europeus. Em 1970, predominam no Brasil os quadrinhos infantis, com Maurício de Souza. A partir daí surgem muitos outros quadrinistas. Em 1980, com o avanço do material produzido nos Estados Unidos, sobretudo de super-heróis, e consequente importação da produção, teve-se a chamada Era de Bronze.

Em 1991, as HQs no Brasil ganham impulso com a realização da 1ª e 2ª Bienal de quadrinhos, no Rio de Janeiro em 1991 e 1993, e a 3ª em Belo Horizonte em 1997. Contou-se com a presença de quadrinistas nacionais e internacionais em exposições, debates, filmes, cursos, etc.

No fim de 1990 surgem as primeiras HQs brasileiras na internet. A venda de quadrinhos no Brasil ainda é bem inferior à produção mensal dos Estados Unidos, por exemplo, com cerca de 500 revistas mensais, assim como no Japão e alguns países europeus, que lançaram autores nacionais com sucesso. Ainda assim, é considerado um mercado promissor.

Os livros adaptados para HQs escolhidos para o desenvolvimento do plano de ação foram: *Uns Braços*, *O Alienista*, *A causa secreta*, *A Cartomante*, *O enfermeiro e Memórias Póstumas de Brás Cubas*, todos de Machado de Assis, adaptados para HQs pela Editora Escala Educacional por se tratarem de reescritas baseadas em contos, que além de utilizarem uma linguagem simples e acessível, tratam de fatos que, embora não tão comuns, podem ocorrer na vida das pessoas.

Acreditou-se que esse tipo de produção pudesse ser capaz de atrair alunos que não tinham o costume de ler, ou que estavam iniciando o hábito de leitura.

## **2 PERCURSO METODOLÓGICO**

## 2.1 A Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque

*Todas as formas de comunicação e expressão encontram o mesmo valor na sala de aula. O aluno recebe com satisfação esse espaço de liberdade onde pode escolher a sua forma de expressão.*  
(CAVALCANTE JÚNIOR, 2003, p. 64)

A Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque está localizada na Rua Flamengo, 351, Bairro Maracanã, na cidade de Montes Claros, em Minas Gerais. Região periférica da cidade, formada por uma população com condições econômico-sociais bem diversificadas. Há famílias com condições financeiras razoáveis, e outras mais carentes. Há trabalhadores do comércio, professores, militares, empregadas domésticas, vendedores ambulantes, catadores de papel, carroceiros, dentre outros, e essa mesma população mista é a que frequenta a escola em questão.

A Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque foi criada por Lei Municipal em 1979 com a denominação de Escolas Combinadas do Bairro Maracanã, e era localizada na Avenida Frei Caneca. Em 27/09/1967, passou para a responsabilidade do Estado, conforme o Artigo 22 da Lei nº. 1.610 de 08/01/1962, com a denominação de Escola Estadual do Bairro Maracanã. No ano de 1975 muda-se para o prédio próprio, endereço atual, na época com 12 turmas e 494 alunos. Em 1978 recebe o nome atual.

Sua arquitetura é formada por 19 salas de aula, 04 sanitários masculinos, 04 femininos, secretaria, setor pessoal, diretoria, cantina, sala de mecanografia, depósito para armazenar merenda, sala para professores com 02 sanitários, biblioteca, sala de atendimento pedagógico, laboratório de informática, almoxarifado, depósito para material de limpeza, pátio coberto, estacionamento e quadra poliesportiva coberta.

**FIGURA 2 – Escola Estadual Doutor Carlos Albuquerque**



Fonte: acervo pessoal da autora

A infraestrutura é relativamente bem preservada. A escola está sempre sendo cuidada pelos responsáveis pela limpeza da mesma, a maioria das salas são grandes, algumas são ambientes adaptados, por isso menores e mais apertadas. Falta um refeitório, com mesas e cadeiras para os alunos se alimentarem. As dependências do setor de pessoal e sala de professores são ambientes pequenos. A área reservada para estacionamento tem um bom tamanho, porém, serve como depósito para mesas e cadeiras danificadas pelos alunos e que necessitam de manutenção. A biblioteca precisa de manutenção e não oferece instalações agradáveis, nem mobiliário suficiente para ser visitada e frequentada (atualmente, tem apenas 01 mesa e 04 cadeiras), além do acervo não ser diversificado, e não atender satisfatoriamente à demanda. A escola não tem realizado práticas diversificadas de incentivo à leitura, as que são realizadas acontecem em sala de aula, sem a realização de projetos que envolvam toda a comunidade escolar.

A escola oferta o Ensino Fundamental de nove anos (Ciclo Intermediário (6º e 7º anos) e Ciclo de Consolidação (8º e 9º anos); Ensino Médio Regular e EJA (Educação de Jovens e Adultos).

A instituição é bem vista e procurada pela comunidade, o índice de evasão é baixo, provavelmente porque a maior parte da clientela é de alunos em idade regular, e estudam no diurno. De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola, doravante PPP, a avaliação de aprendizagem interna visa especialmente acompanhar o desenvolvimento do aluno e o aperfeiçoamento do processo ensino-aprendizagem. O processo de avaliação é contínuo e cumulativo com predominância dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e é composto de estratégias e instrumentos diversos, tais como: provas individuais, testes, trabalhos individuais e em grupos, estudos dirigidos, seminários, debates, pesquisas e projetos, elaboração de relatórios, dentre outros.

Conforme levantamento realizado entre os anos de 2011 a 2015, a clientela da escola é formada por filhos da classe trabalhadora e oriunda do Bairro Maracanã e bairros adjacentes. Ainda de acordo com o PPP, dos alunos matriculados, em torno de 70% são naturais de Montes Claros, os demais são de outras cidades de Minas Gerais e de outros Estados do país.

Atualmente (2016), a escola tem 1656 alunos, distribuídos nos três turnos oferecidos - matutino, vespertino e noturno. 74 professores, dos quais 22 tem alguma especialização, 03 são mestres, 02 doutores, e há 03 professores cursando o Mestrado, com conclusão prevista para 2016.

A maioria dos professores busca atualização através de leituras e cursos oferecidos pelo sistema e é comprometida com o aperfeiçoamento profissional. Vale ressaltar, porém que alguns têm dificuldades de adequar a proposta curricular às condições regionais e locais.

Ainda segundo o PPP:

A missão da Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque é fazer crescer o cidadão, partindo do princípio de que o aluno já é um cidadão, mostrar-lhe com atos e fatos o valor da ação cooperativa, o valor de se cultivar os princípios do saber, conhecer, atuar e transformar, auxiliando na construção do nosso planeta neste milênio. E ainda, incentivar a ação participativa do educando e dos demais membros da escola, dentro de uma prática educativa humanizadora e libertadora. <sup>1</sup>

A visão da escola, segundo seu PPP, é dotar o aluno de instrumentos necessários à boa qualidade de vida dentro da sociedade, colocando-o como centro do processo educativo, gerador e transformador de sua história, propiciando o desenvolvimento e crescimento individual. Os princípios éticos adotados são: de justiça, solidariedade, liberdade e autonomia, de respeito à dignidade da pessoa humana e de compromisso com a promoção do bem de todos. A escola ainda busca contribuir no combate e eliminação de quaisquer manifestações de preconceito de origem, de raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Seus princípios políticos são: o reconhecimento dos direitos e deveres da cidadania, do respeito ao bem comum e à preservação do regime democrático e dos recursos ambientais, da busca da equidade no acesso à educação; e estéticos: do cultivo da sensibilidade e da racionalidade, do enriquecimento das formas de expressão e do exercício da criatividade, da valorização das diferentes manifestações culturais, especialmente as da cultura brasileira, da construção de identidades plurais e solidárias.

## 2.2 Os sujeitos da pesquisa

*A compreensão da pluralidade humana é crucial para descobrirmos potenciais humanos. Além de plurais, precisamos ser democráticos, criando oportunidades iguais para pessoas demonstrarem o que elas são e sabem ou raramente os seus potenciais serão reconhecidos. (CAVALCANTE JÚNIOR, 2003, p. 40)*

---

<sup>1</sup>Documento de circulação interna - Projeto Político Pedagógico – PPP, da Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque, 2011-2015, p. 02).

Na referida escola, atualmente, o Ensino fundamental é ofertado para 570 alunos. A turma escolhida para o desenvolvimento da pesquisa é de 35 alunos do 8º ano 15, do Turno Vespertino. Essa é uma turma heterogênea, a maioria oriunda do bairro em que a escola está localizada. É constituída por 15 alunos do sexo masculino e 20 do sexo feminino. A faixa etária deles varia de 13 a 14 anos.

A turma foi escolhida por se tratar de uma das séries do ciclo da fase de consolidação, em que o aluno deve ter as competências e habilidades indispensáveis ao prosseguimento de seus estudos consolidadas, a fim de cursar o Ensino Médio, e por se tratar de uma turma desmotivada para a leitura. Como professora dessa turma foi possível notar que a maioria desses alunos não tem o costume de fazer leituras autônomas, providas de motivação intrínseca, e também não se interessam pelas leituras propostas pelo professor, e com muita desmotivação, quando o fazem, o fazem somente pelo mérito da disciplina.

Essa desmotivação foi demonstrada com a aplicação de um questionário sobre hábitos e interesses da turma pela leitura.

### **2.3 Pesquisa-ação, Método, Metodologia e Técnicas de obtenção de dados**

*[...] pesquisa-ação, sempre pressupondo participação e ação efetiva dos interessados.  
(THIOLLENT, 2000, p. 19)*

Pesquisa-ação, nas palavras de Michel Thiollent em seu livro *Metodologia da Pesquisa-ação* é uma “linha de pesquisa associada a diversas formas de ação coletiva que é orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação” (THIOLLENT, 2000, p. 7). Em nossa pesquisa, utilizamos a pesquisa-ação como forma de investigação, já que, ainda segundo Michel Thiollent, desta forma “[...] os pesquisadores em educação estariam em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico” (THIOLLENT, 2000, p. 75).

Método pode ser definido, de acordo com Antônio Carlos Gil em *Métodos e técnicas de pesquisa social* “como o caminho para se chegar a determinado fim”. E “Método Científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento” (GIL, 2008, p. 08).

Os métodos fornecem as bases lógicas da investigação, e se dividem em: dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico (GIL, 2008).

O método eleito para levar adiante a investigação foi o fenomenológico, método preconizado por Edmund Husserl, não sendo este nem dedutivo nem indutivo. Preocupa-se com a descrição direta da experiência tal como ela é. A realidade é construída socialmente (parte-se do eu e das relações com as pessoas) e entendida como o compreendido, o interpretado, o comunicado. E, segundo Gil, “o que interessa ao pesquisador não é o mundo que existe, nem o conceito subjetivo, nem uma atividade do sujeito, mas sim o modo como o conhecimento do mundo se dá, tem lugar, se realiza para cada pessoa” (GIL, 2008, p. 100). A realidade, então, não é única, será tantas quantas forem as suas interpretações e comunicações, e o sujeito/ator é reconhecidamente importante no processo de construção do conhecimento, sendo ele o objeto do conhecimento.

A observação subsidiou todo o processo da pesquisa-ação, constituindo-se como elemento fundamental para a pesquisa, partindo da formulação do problema, perpassando todas as fases da pesquisa-ação, até a interpretação dos dados obtidos.

“A observação nada mais é que o uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano” (GIL, 2008, p. 100). E a principal vantagem da observação sobre as outras técnicas é que os fatos são percebidos diretamente, sem intermediações.

Conforme Gil, segundo os meios utilizados e o grau de participação, a observação pode ser estruturada ou não estruturada, e participante ou não participante, respectivamente. A observação participante pode ter a seguinte classificação: a) observação simples; b) observação participante; e c) observação sistemática (GIL, 2008, p. 101).

Nesta pesquisa será utilizada a observação participante, já que o professor-pesquisador-observador tem participação real do conhecimento na vida do grupo pesquisado, sendo membro do grupo – até certo ponto.

Já o percurso metodológico será quanti-qualitativo. Os dados foram apresentados de forma quanti-qualitativa. Traduzidos em números os dados obtidos através de um questionário (quantitativamente), relacionando-os ao sujeito, tendo o foco principal em todo o processo de desenvolvimento do projeto (qualitativamente).

As pesquisas qualitativa e quantitativa se complementam, uma não substitui a outra. A pesquisa qualitativa é exploratória, nela os entrevistados são estimulados a pensar e falar de modo livre sobre algum tema, objeto ou conceito, e fazem emergir aspectos subjetivos, atingindo motivações não conscientes de modo espontâneo. Nela o número de entrevistados é pequeno, e não há preocupação em fornecer resultados para a população.

Nas pesquisas quantitativas apuram-se opiniões e atitudes que estão explícitas e conscientes nos entrevistados, serve-se de instrumentos padronizados, como os questionários. Estes são utilizados quando se sabe exatamente que perguntas fazer e quais objetivos atingir. Elas testam precisamente as hipóteses levantadas na pesquisa, e os índices levantados podem ser comparados com outros. Nelas, os resultados são projetados para a população representada, além de exigir um número maior de entrevistados, para se garantir maior precisão dos resultados.

Em nossa pesquisa-ação, utilizamos os métodos quantitativo e qualitativo. O pesquisador, neste processo, se torna um sujeito ativo e criativo, que constrói as experiências que enfrenta no processo de pesquisa, fazendo deste um processo vivo e diferenciado, não sendo possível de ser legitimado na 'objetividade' das informações produzidas, pois estas se integram no marco teórico diferenciado que se constrói no processo da produção teórica.

O instrumento de obtenção dos dados referentes aos hábitos e atitudes dos alunos foi um questionário, com questões fechadas, que facilitaram a tabulação dos dados, e direcionou as atividades que foram desenvolvidas, e algumas questões abertas, que permitiram ao aluno expor suas opiniões e sugestões sobre o assunto analisado a fim de se chegar ao objetivo pretendido.

**Figura 3: Questionário de coleta de dados**

<p><b>QUESTIONÁRIO DE COLETA DE DADOS</b></p> <p><b>Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES</b>  <b>Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS</b>  <b>Mestranda: Luciane de Oliveira Bertulino Fernandes</b></p> <p><b>Caro(a) aluno(a),</b>          Este questionário visa coletar dados sobre questões pertinentes à leitura.</p> <p>1) Você tem o hábito de ler? ( ) sim ( ) não</p> <p>2) Se não, porque você acha que nunca foi motivado à prática da leitura?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>3) Quando você lê, você o faz porque:</p> <p>( ) é divertido, o distrai ( ) é obrigatório ( ) outros .....</p>
---

4) O que motivou o seu hábito de leitura?

- As leituras que meus pais ou alguém da minha família faziam para mim.  
 As práticas de leitura realizadas pelas professoras ainda nas séries iniciais.  
 As práticas de leitura realizadas há pouco tempo, no Ensino Fundamental II.  
 outros.....

5) Gosta de ler:

- jornais    revistas    Histórias em quadrinhos    Livros literários  
 Outros .....

6) Se lê livros, que tipos o atraem?

- romance    fantasia    drama    aventura    autoajuda    religiosidade  
 outros .....

7) Se lê, onde você costuma ler?

- no quarto    na biblioteca    outros.....

8) Lê livros:

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Comprados por você                    | <input type="checkbox"/> Emprestados por um amigo |
| <input type="checkbox"/> Emprestados pela biblioteca da escola | <input type="checkbox"/> nunca leio livros        |
| <input type="checkbox"/> Livros na internet                    | <input type="checkbox"/> outros.....              |

9) Quantos livros você já leu esse ano?

- 1 a 2    2 a 4    5 a 7    0

E no ano de 2015, quantos livros leu?

- 1 a 2    2 a 4    5 a 7    0

- Se leu, os livros foram:

- indicados pela escola    lidos espontaneamente    indicados pela mídia  
 indicados por amigos    outros .....

10) Que eventos de leitura a escola promove?

( ) leitura coletiva em sala e/ou na Biblioteca

( ) Chá poético

( ) Projetos de leitura com empréstimos de livros

( ) outros.....

10) Se você não tem o hábito de leitura, que tipos de livros ou práticas, em sua opinião, poderiam motivá-lo?

---



---



---



---



---



---



---



---

Gil define questionário em seu livro *Métodos e técnicas de pesquisa social* como o “conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc” (GIL, 2008, p. 121).

A partir dos dados obtidos com o questionário, o Plano de Ação proposto pôde ser adaptado, de forma a intervir na prática pedagógica. As atividades foram norteadas por pesquisa bibliográfica de estudos já desenvolvidos anteriormente e foram desenvolvidas conforme Plano de Ação proposto neste projeto.

Ao final do desenvolvimento do plano de ação outro questionário foi aplicado aos alunos envolvidos no projeto, com a finalidade de se perceber a avaliação pessoal de cada um sobre seu envolvimento com as atividades de leitura.

**Figura 4: Questionário de autoavaliação**

**Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES**  
**Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS**  
**Mestranda: Luciane de Oliveira Bertulino Fernandes**

**QUESTIONÁRIO DE AUTOAVALIAÇÃO**

**Caro(a) aluno(a),**  
 Este questionário visa coletar dados para avaliação do projeto de leitura com ‘círculos de literatura’ realizado.

1) A sua visão ou seu gosto pela leitura foram alterados com a participação neste projeto de leitura literária? ( ) sim ( ) não

2) Se sim, que aspectos do projeto foram positivos para que isso acontecesse?  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

3) Se não, o que sugere que seja alterado para uma melhor eficácia do projeto?  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

4) Sentiu vontade de ler outras obras literárias após a leitura das Histórias em Quadrinhos de Machado de Assis? ( ) sim ( ) não

Se sim, que outros livros pretende ler?

( ) Outras obras adaptados para Histórias em quadrinhos.  
 ( ) Os primeiros livros escritos (clássicos) que deram origem às Histórias em Quadrinhos lidas.  
 ( ) Outros tipos de adaptações  
 ( ) outros livros

5) Você sugeriria as Histórias em quadrinhos que você leu para um amigo ou colega que não gosta de ler?  
 ( ) sim ( ) não

Se sim, para quem você pensou de indicar os livros? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**3 ELABORAÇÃO DO PROJETO  
EDUCACIONAL DE  
INTERVENÇÃO - PEI**

### 3.1 O problema da pesquisa

*O mundo se transformando nas letras e nas ações que, misturadas e influenciadas mutuamente teciam o que cada uma chamava de sua história de vida. Uma história de leitora. Uma história de leituras.*  
(COSSON, 2014, p. 134)

A proposta de intervenção aqui apresentada foi desenvolvida em uma turma de 8º ano, do Ensino Fundamental, na Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque, em Montes Claros/MG. A instituição atende atualmente 1758 alunos, nos turnos matutino, vespertino e noturno, sendo a maioria formada por filhos da classe trabalhadora, residente nos bairros Maracanã, Maracanã II, Alterosa, Vila Campos, Ciro dos Anjos e Vila Greice. A turma em questão é composta por trinta e cinco alunos, bastante heterogênea quanto aos níveis de práticas de leitura, conforme observação empírica. A experiência desta pesquisadora como docente de Língua Portuguesa nesta turma diagnosticou que a maioria de nossos alunos só leem quando isso é obrigatório, e são raros ou inexistentes os momentos que são autônomos na leitura, por prazer com a mesma.

Diante da observação dessa realidade, surgiu a necessidade de se pesquisar estudos teóricos críticos acerca da formação do leitor, da importância do ato de ler, e da leitura na escola, como também estudos sobre motivação para a leitura literária, além de estudos sobre as estratégias de leitura que pudessem suavizar ou até superar as dificuldades identificadas, por meio de uma metodologia que utilizasse as HQs como suporte.

Nessa perspectiva, o problema que essa pesquisa se propôs a investigar foi: o uso de clássicos adaptados para as histórias em quadrinhos pode despertar o aluno para a leitura literária, preparando-o para conhecer o texto original?

### 3.2 Objetivo da pesquisa

Proporcionar aos alunos do 8º ano 15 da Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque o desenvolvimento de atividades de leitura literária, de forma que eles possam ressignificar essa prática.

### 3.3 Considerações teóricas

Neste trabalho, pesquisamos as possibilidades de se desenvolver eventos de letramento utilizando clássicos da literatura brasileira adaptados para Histórias em Quadrinhos, na tentativa de despertar o aluno para a possível prática da leitura, podendo torná-la autônoma e prazerosa.

A abordagem teórica deste projeto, então, foi ancorada em estudos de Rildo Cosson (2014), que aborda o letramento literário e sugestões práticas para o desenvolvimento do mesmo na escola, Magda Soares (2009), que trata das práticas de letramento, Antônio Candido (2004), que aborda a humanização da literatura, Angela Kleiman (2002) que discorre sobre o engajamento da leitura, Edson Garcia (1992) e Ana Maria Machado (2001), que falam do papel do professor na formação do leitor, Joanne Busnardo & Denise Bertolli Braga (2000), que teorizam sobre a formação do leitor, Vincent Jouve (2012), que discorre sobre a importância de ser estudar literatura, além de Steven R. Fischer (2006) que aborda a história da leitura, Luiz Carlos Cagliari (1998) que trata da alfabetização, além de contribuições de Francisco Silva Cavalcante Júnior (2003) e Antônio Carlos Gil (2008).

### 3.4 Percurso Metodológico

Para nossa intervenção utilizamos os ‘círculos de leitura’ citados por Rildo Cosson em seu livro *Círculos de leitura e letramento literário*, adaptados à nossa realidade escolar. Segundo o autor, o primeiro passo dessa metodologia é a seleção das obras pelos alunos. Os alunos são distribuídos em grupos conforme as obras escolhidas. Os grupos se reúnem para realizarem a leitura daquela obra (em torno de 4 a 5 alunos), que trocam de grupo na escolha do próximo livro.

Os grupos leem diferentes obras ao mesmo tempo. As atividades do grupo obedecem a um cronograma que se estende por todo ano. (No nosso caso, um trimestre)

Os registros de leitura são de fundamental importância para a posterior discussão do livro, podendo ser um diário de leitura, post-its, fichas de função ou fichas de leitura. No modelo descrito pelo autor, os próprios alunos definem os tópicos a serem discutidos, e a discussão é livre, para que os alunos se sintam num processo natural de discussão. O professor é o facilitador do processo, possibilitando que esse ocorra de modo favorável. A avaliação acontece por meio da observação e autoavaliação do aluno. A aula no formato ‘círculo de leitura’ permite a interação entre alunos, e é uma aula divertida.

Além dos ‘círculos de leitura’, utilizamos as estratégias de conhecimento também citadas pelo autor. Estas apareceram nas fichas de função que foram distribuídas quando a sala estava em pequenos grupos. Cinco estratégias de conhecimento foram abordadas na ficha de conhecimento - Ativação do conhecimento prévio, conexão, inferência, sumarização e a síntese. Essas estratégias se apoiam na proposta de Cyntia Girotto e Renata Souza (2010), e estão elencadas no livro *Círculos de leitura letramento literário*, de Rildo Cosson. Segundo o autor, o uso de estratégias promove a interação do leitor com o texto, e as estratégias fazem com que o aluno reflita sobre o processo de leitura e as use de modo consciente, a fim de compreender o que lê. De acordo com as estratégias, o momento inicial é a ativação do conhecimento prévio, como estratégia-base, pois é utilizada em todos os momentos da leitura. Nesse momento, o texto a ser lido será inserido em um contexto. A segunda estratégia é a conexão, momento no qual o leitor estabelece associações pessoais com o texto, seja com momentos vividos por ele mesmo (conexão texto-leitor), ou fazendo ligações com outro texto lido (conexão texto-texto), ou relacionar o texto com situações mais amplas (conexão texto-mundo). A terceira estratégia é a inferência, que consiste em reunir pistas do texto para se chegar a uma conclusão ou interpretação do mesmo. O leitor pode, por exemplo, construir o sentido de uma palavra pelo seu contexto. A quarta estratégia é a sumarização, que é a seleção dos elementos mais importantes de um texto. Esta pode ser ensinada por meio de anotações que serão registradas nas laterais do livro ou em um quadro à parte, destacando palavras ou expressões que favorecem o entendimento do texto. E, por fim, a última etapa, em que o aprendiz é convidado a fazer uma síntese do texto, muito mais que um resumo, pois nela o leitor apresenta uma visão pessoal do que foi lido. O professor pode lançar mão da paráfrase ou do reconto como atividades que favorecem a síntese.

A seguir, apresentamos o plano de desenvolvimento do nosso projeto, baseado na proposta de “Círculos de leitura” citados acima, e adaptados conforme a nossa realidade e as necessidades de nossos alunos. Dividimos nossa intervenção em partes que foram chamadas de ‘encontros’.

### **1º encontro: (2horas/aula de 50 minutos cada)**

Propôs-se o acolhimento dos alunos para a realização do ‘círculo de leitura’ através de um auditório com contadores de histórias diversas. O ambiente seria adaptado ao momento com a montagem de um cenário que surpreendesse e motivasse os alunos, e os contadores,

convidados na comunidade, ou profissionais especializados, estariam caracterizados, trazendo o lúdico à realidade dos alunos.

### **2º encontro: (2horas/aula de 50 minutos cada)**

Projeção de um vídeo curto sobre ‘círculos de leitura’, em que seriam relatadas as vantagens de se criar um grupo de leitura literária, além de algumas experiências vividas através das leituras e socializações. Os alunos conheceriam então os detalhes do modelo de grupo de leitura citado e receberiam as primeiras orientações do professor em momento oportuno. Com isso, os alunos teriam a oportunidade de visualizar um projeto de leitura já executado, ouvir as experiências de outros alunos que participaram, e suas vantagens individuais e para o grupo.

Apresentação aos alunos de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto e *O Alienista*, de Machado de Assis, adaptados para novos leitores, além de suas primeiras versões, e a seguir, 6 HQs, adaptadas a partir de contos de Machado de Assis, para que estes pudessem folhear os livros e ter uma primeira impressão sobre as algumas diferenças estéticas. Explicaria-se também a razão de se ter escolhido o autor em questão, por seu destaque em função de sua escrita singular, pelo brilhante uso das palavras, e também por ser o primeiro contista brasileiro. A intenção seria fazer com que os alunos escolhessem, coletivamente, uma das HQs, por votação. O livro escolhido foi lido coletivamente a partir do próximo encontro.

Optou-se por iniciar uma leitura coletiva em um grande grupo porque nossos alunos ainda não possuíam hábito de leitura, muito menos de leitura em pequenos grupos, sem a facilitação do professor. Iniciaríamos a leitura com toda a turma, na intenção de poder intervir e poder possivelmente contribuir para a reflexão sobre as habilidades sociais, como hora de falar, ouvir, manter-se atento à leitura, bem como as estratégias de leitura citadas por Rildo Cosson, que são: compreensão dos textos, visualização, conexão, questionamento, inferência, avaliação, análise, sumarização e autoavaliação, além das análises de construção da HQ.

### **3º, 4º e 5º encontros: (3 horas/aula de 50 minutos)**

Iniciaríamos a leitura coletiva do primeiro livro escolhido pela turma, em que todos teriam a oportunidade em algum momento de participar da leitura em voz alta, que segundo Cosson serve para a socialização. Cada aluno receberia o seu exemplar do livro, que contém em torno de 48 páginas.

Dessa leitura coletiva seria realizado o registro através da ficha de leitura, aqui chamada de ‘uma viagem literária’. Essa ficha foi adaptada conforme as estratégias de compreensão citadas por Rildo Cosson e baseia-se na compreensão da leitura citada pelo autor, que enfoca estratégias de conhecimento prévio, conexão, inferência, visualização, perguntas ao texto, sumarização e síntese.

**Figura 5: Ficha Literária – “Uma viagem literária”**

<p><b>Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque</b>  <b>Projeto Leitor: “Círculos de literatura”</b>  <b>Facilitadora: Mestranda Luciane de Oliveira Bertulino Fernandes</b></p> <p><b>UMA VIAGEM LITERÁRIA</b></p> <p><b>Viagem realizada através do livro:</b> _____  <b>Autor do livro:</b> _____</p> <p><b>Leitor:</b> _____</p> <p><b>I – Nossas conexões pessoais:</b></p> <p>A história do livro se relaciona a algum acontecimento da sua vida ou da vida de alguém que você conhece? Descreva em poucas palavras. _____          _____          _____</p> <p>Você se identifica ou se sente muito diferente de algum dos personagens? Qual seria esse personagem e qual seria essa semelhança ou diferença? _____          _____          _____</p> <p>Gostaria de ter conhecido algum desses personagens na vida real? Qual? _____          _____</p> <p><b>II – Elementos importantes da viagem literária:</b></p> <p>Qual a parte mais interessante do texto? _____          _____          _____</p> <p>Quem é o protagonista? _____</p> <p>O que o texto lhe fez entender sobre a vida? _____          _____          _____</p>
--

**III- Nossos sentimentos sobre a história:**

Que sentimentos foram despertados em você ao ler o livro? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Que partes do livro fizeram com que você se sentisse assim? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Você mudou de opinião em algum assunto ou reforçou alguma ideia ao ler esse livro? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**IV- Discutindo a criação do texto:**

Se pudesse falar com o autor, o que o perguntaria sobre o livro? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Há algo ou alguém na história que você achou estranho? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Há algo especial na escrita desse livro? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

(Ficha literária baseada em proposta apresentada no livro “Círculos de leitura e letramento literário” de Rildo Cosson. As questões estão baseadas nas estratégias de compreensão da leitura citadas pelo autor, que enfocam estratégias de conhecimento prévio, conexão, inferência, visualização, perguntas ao texto, sumarização e síntese.)

Essas estratégias assumem grande relevância no processo de construção do hábito espontâneo de leitura, já que seguem etapas, cada uma delas com objetivos bem definidos, a fim de favorecer um trabalho efetivo no desenvolvimento da compreensão da leitura e no possível gosto e hábito espontâneo. A escolha dessas estratégias baseia-se na necessidade de levar o aluno a internalizar as estratégias de leitura, tornando-se capaz de “ampliar e modificar

os processos mentais de conhecimento, bem como compreender um texto”(GIROTTTO & SOUZA<sup>2</sup>, 2010 *apud* COSSON, 2014, p. 108).

Ao final de cada encontro de leitura seriam destinados 20 minutos para registro e discussão das impressões da leitura. E ao final dos 3 encontros seria feita a socialização de todo o livro e entrega ao professor da ficha de leitura ‘uma viagem literária’.

A turma ainda seria dividida em equipes que socializariam com os demais a obra lida através de algumas das sugestões do livro *círculos de leitura e letramento literário*, agora elencadas: apresentação oral do que foi discutido, recomendação do livro a outros que ainda não leram, elaboração de produto especial, como árvore genealógica das personagens, entrevistas reais ou imaginárias com o autor ou personagens, interpretação do texto através de encenação, dança, música, criação de diário ou poema de um personagem, inserção de uma nova personagem, ou a critério da equipe, de acordo com sua criatividade e seu envolvimento com a leitura.

#### **6º, 7º e 8º encontros: (3horas/aula de 50 minutos)**

Nova escolha de livro seria realizada pelos alunos. A partir da escolha a sala seria dividida em pequenos grupos de 5 a 7 alunos. As equipes fariam as leituras em sala de aula ou em espaços da escola, previamente escolhidos, em calendário montado pelo professor. Ainda seriam separados ao final de cada horário 20 minutos para socialização sobre as impressões individuais e coletivas sobre o livro lido, além dos registros. Ao final da leitura de todo o livro seria realizada a socialização para toda a turma, de modo livre, de acordo com a criatividade das equipes, como citado acima, através de algumas das sugestões do livro *círculos de leitura e letramento literário*, agora elencadas: apresentação oral do que foi discutido, recomendação do livro a outros que ainda não leram, elaboração de produto especial, como árvore genealógica das personagens, entrevistas reais ou imaginárias com o autor ou personagens, interpretação do texto através de encenação, dança, música, criação de diário ou poema de um personagem, inserção de uma nova personagem, ou a critério da equipe, de acordo com sua criatividade e seu envolvimento com a leitura.

Nesses encontros seria utilizada a ficha de função, ainda sugerida por Rildo Cosson, e adaptada conforme nosso suporte de leitura, em que cada aluno recebe uma função específica no grupo, e uma ficha que seria preenchida de acordo com a sua função, que pode ser: conector

---

<sup>2</sup>GIROTTTO, Cyntia; SOUZA, Renata. **Estratégias de leitura:** para ensinar alunos a compreenderem o que leem. In: SOUZA, Renata (Org.). **Ler e compreender:** estratégias de leitura. Campinas: Mercado de Letras, 2010.















**9º, 10º e 11º encontros: (3horas/aula de 50 minutos)**

Para a formação das próximas equipes, os alunos procederiam novamente à escolha do livro e novos grupos foram formados. As equipes se reuniram fora da escola, em dias estabelecidos no calendário, e fariam a leitura em uma parte determinada do texto. Seriam 2 encontros fora da escola para a leitura, registro e discussão da leitura realizada. Seria escolhido um aluno para ser o facilitador no grupo.

O registro, nesse momento, seria por post-its, nos momentos de leitura. Agora que os alunos já conhecem duas estratégias: ficha de leitura e ficha de função. O objetivo é que agora, de posse das estratégias de compreensão, o aluno pudesse proceder de forma autônoma a suas anotações pessoais sobre a leitura da obra.

O terceiro encontro para leitura seria em sala de aula, momento em que encerraríamos a leitura do livro e socializaríamos com toda a turma. O livro lido seria apresentado à turma em data pré-estabelecida, com as mesmas sugestões citadas para os outros momentos: apresentação oral do que foi discutido, recomendação do livro a outros que ainda não leram, elaboração de produto especial, como árvore genealógica das personagens, entrevistas reais ou imaginárias com o autor ou personagens, interpretação do texto através de encenação, dança, música, criação de diário ou poema de um personagem, inserção de uma nova personagem, ou a critério da equipe, de acordo com sua criatividade e seu envolvimento com a leitura.

**12º encontro: (2horas/aula de 50 minutos)**

Nesse encontro ocorreria o encerramento do projeto com a socialização das últimas apresentações do livro lido pelas equipes e aplicaríamos o questionário para autoavaliação, tal qual fizemos no início do projeto.

### 3.5 CONSIDERAÇÕES

Esperou-se, com o desenvolvimento das estratégias de leitura propostas por Rildo Cosson nos eventos de letramento, que o aluno tivesse uma experiência significativa com a leitura literária, e que fosse motivado a outras leituras literárias, e que esta cumprisse com o papel humanizador da literatura, citado por Candido (2004), e pudesse ser motivado a desejar e a expressar o mundo por si mesmo. A experiência realizada “é mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade” (COSSON, 2014, p. 17). A troca de experiências que ocorre no ato da leitura, entre leitor/escritor e a sociedade produz reflexões, tornando a leitura significativa.

O professor, nesse sentido, é mediador, no uso das estratégias de leitura desenvolvidas, pois “os livros, como os fatos, jamais falam por si mesmos. O que os fazem falar são os mecanismos de interpretação que usamos, e grande parte deles são aprendidos na escola” (COSSON, 2014, p. 27). Daí a importância da escola, no papel do professor, ensinar aos alunos as técnicas de interpretação dos textos literários.

Como trata Cosson (2014), a literatura tem sido nas escolas ora como sustentação à formação do leitor, ora apenas para integrar o leitor à cultura literária brasileira. Como prática social, o letramento é função da escola, que deve compreender que “mais que um conhecimento literário, o que se pode trazer ao aluno é uma experiência de leitura a ser compartilhada” (COSSON, 2014, p. 23).

**4 APLICAÇÃO DO PROJETO  
EDUCACIONAL DE  
INTERVENÇÃO – PEI E  
DISCUSSÃO DE RESULTADOS**

### **1º encontro – 1h/a: Discussão sobre práticas de leitura e apresentação do projeto**

A sala foi acomodada em um semicírculo para discussão sobre práticas de leitura, desde a prática individual, perpassando pela prática nacional, até a comparação com a de alguns outros países.

O diálogo foi iniciado questionando os alunos sobre o próprio gosto pela leitura. Em uma sala com 35 alunos, 5 disseram que gostavam de ler. Perguntamos de que tipo de leitura os alunos gostavam. Um gostava de histórias em quadrinhos, outro de poemas, outro aventuras, outro romance e o último textos do *whatsapp*. Continuando o bate-papo, foi perguntado a esses alunos que disseram ter hábito de leitura, quantos livros leram em 2015. Uns leram nenhum, um aluno leu um livro, e outro 3 livros (poemas).

Partiu-se então para uma reflexão um pouco mais geral, sobre a leitura no Brasil. Questionou-se aos alunos se eles acreditavam que os índices da leitura no Brasil eram melhores que os que detectamos em sala. Senso comum que seriam melhores.

A seguir foi entregue material sobre pesquisa realizada pelo Ibope/Fundação Pró-livro que traz a média anual de livros lidos no Brasil e em alguns outros países, assim como gráfico sobre as práticas de leitura na faixa etária em questão. Os alunos ficaram surpresos com os dados apresentados. Discutiu-se muito a questão da leitura que normalmente acontece apenas por ser obrigatória. A turma, que é agitada e indisciplinada, se acalmou perceptivelmente para refletir sobre o assunto.

A discussão produziu reflexões, pois os alunos acreditavam que os demais brasileiros tinham mais hábito de leitura que eles, e ao se depararem com índices tão diferentes em outros países, eles se surpreenderam. Foi perceptível o reconhecimento da turma pela necessidade de projetos e atitudes que provoquem mudanças no hábito de leitura da turma, e conseqüentemente do Brasil.

Figura 13: Material atualizado sobre índices de leitura



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



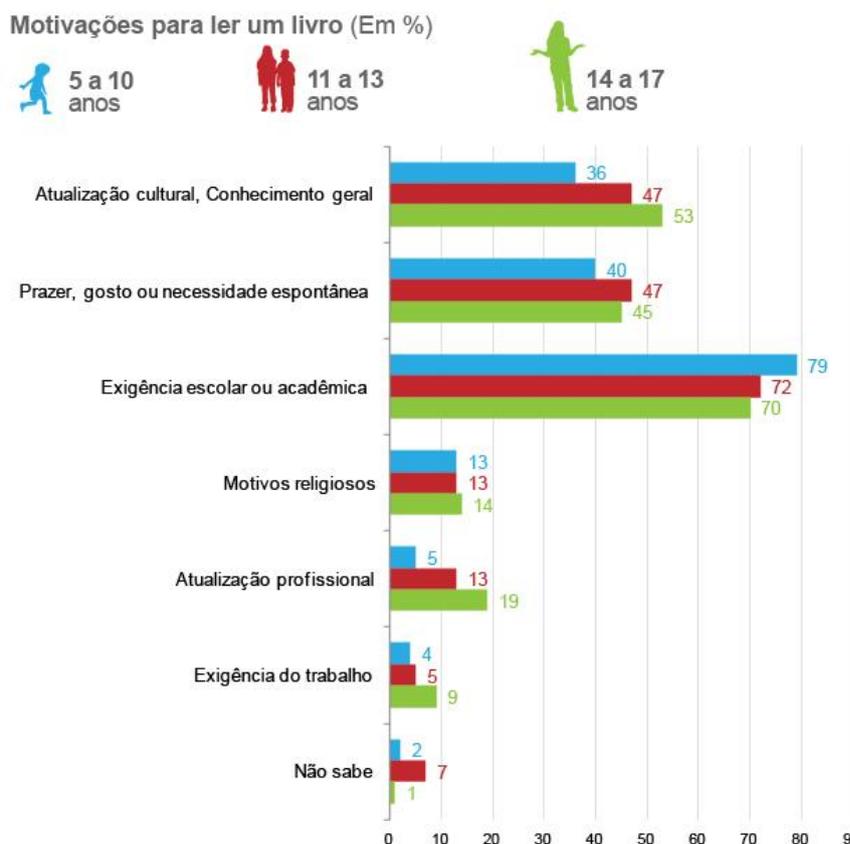
**Mestranda: Professora Luciane Bertulino Fernandes**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita de Cássia Silva Dionísio Santos**

Segundo pesquisa do Ibope Inteligência/Fundação Pró-livro, a média anual de livros lidos no Brasil é de **1,8 por pessoa**. **Ocupamos o 27º lugar em hábito de leitura**, enquanto na **França a média é de 12 livros lidos por ano**, na **Espanha 11**, nos **EUA 10**, na **Argentina 6** e no **Chile 5**.

Os resultados da investigação sobre a motivação para a leitura de livro, realizada pelo Ibope Inteligência/Fundação Pró-Livro (2011) apontam para tal realidade – como demonstra o gráfico abaixo, extraído do site do g1.globo.com.

**Gráfico 1 – Resultados da investigação sobre a motivação para a leitura de livro**



Fonte: Ibope Inteligência/Fundação Pró-livro



Fonte: (<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/03/criancas-e-adolescentes-estao-lendo-menos-indica-pesquisa.html>)

Conversou-se, então, sobre a importância do projeto em questão e foram entregues aos alunos carta explicando aos responsáveis sobre o projeto, e termo de consentimento, que deveriam ser assinados pelos mesmos, e devolvidos no próximo encontro, a fim de se dar prosseguimento à intervenção.

**Figura 14: Carta aos pais**

	<b>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS</b> <b>PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO</b> <b>MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS</b>	
Montes Claros,      de      de 2016.		
Senhores Pais e/ou responsáveis,		
<p>Será desenvolvido, na Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque, especificamente, a princípio, na turma de seu(sua) filho(a), um projeto intitulado “<b>Literatura e quadrinhos: diálogos e ressignificações na formação do leitor da educação básica</b>”. O projeto será desenvolvido pela mestranda Luciane de Oliveira Bertulino Fernandes (professora na escola em questão), e estudante no Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras, oferecido pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, sob a orientação da professora Dra. Rita de Cássia Silva Dionísio Santos, e com o apoio da Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque, sob a direção do Professor Leandro Júnio Santos Queiroz.</p>		
<p>Objetiva-se, com esse projeto, incentivar o hábito da leitura literária, já que, além das pesquisas sobre a inconstante prática da leitura no Brasil, há a constatação empírica de que grande parte de nossos alunos só leem quando é uma prática obrigatória. Então, a proposta é motivar a leitura literária, <i>a priori</i>, através da apresentação, aos nossos alunos, de clássicos da literatura adaptados para os gibis – textos atraentes pelo uso das imagens, com linguagem de fácil compreensão, que respeitam a faixa etária/cognitiva de nossos alunos.</p>		
<p>As leituras acontecerão no primeiro momento na escola, e dois encontros serão nas residências de alguns alunos, em calendário previamente estabelecido pelo professor, motivando, assim, a autonomia leitora que esperamos que nossos alunos adquiram durante o desenvolvimento do projeto.</p>		
<p>Para isso, contamos com a parceria da família. Estamos enviando um formulário de autorização que deve ser assinado pelos pais e/ou responsáveis, e devolvido ao professor de Língua Portuguesa, autorizando a participação do aluno no Projeto.</p>		
<p>Agradecemos pelo apoio. Atenciosamente,</p>		
<p>Luciane de Oliveira Bertulino Fernandes Mestranda</p>	<p>Leandro Júnio Santos Queiroz Diretor da Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque</p>	

**Figura 15: Termo de consentimento e esclarecido para participação em pesquisa**


 UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
 MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA**

**Título da pesquisa:** Ressignificações do hábito de leitura

**Instituição Promotora:** Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Montes Claros.

**Pesquisadora:** Luciane de Oliveira Bertulino Fernandes

**Coordenadora:** Luciane de Oliveira Bertulino Fernandes

**Atenção:** Antes de aceitar participar desta pesquisa, é importante que você leia e compreenda a seguinte explicação sobre os procedimentos propostos. Esta declaração descreve o objetivo, metodologia/procedimentos, benefícios, riscos, desconfortos e precauções do estudo. Também descreve os procedimentos alternativos que estão disponíveis a você e o seu direito de sair do estudo de qualquer momento. Nenhuma garantia ou promessa pode ser feita sobre os resultados do estudo.

1) **Objetivo:** Proporcionar aos alunos do 8º ano 15 da Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque o desenvolvimento de atividades de leitura de forma que eles possam ressignificar essa prática.

2) **Metodologia/procedimentos:** A ação será desenvolvida, com base nos fundamentos da pesquisa-ação, por tratar-se de um problema coletivo, de modo a intervir na prática já no decorrer do próprio processo de pesquisa e não apenas como possível consequência de uma recomendação na etapa final do projeto. Como o enfoque do trabalho será a intervenção na falta da prática/hábito de leitura dos alunos do 8º ano '15', buscar-se-á, formas de mudar essa realidade. Para isso, serão apresentados pelo professor, aos alunos, clássicos adaptados para as histórias em quadrinhos na tentativa de despertar o interesse dos alunos pela leitura, não só dos clássicos, pois, espera-se que seja uma leitura motivadora de outras tantas leituras prazerosas e autônomas. Quanto aos materiais que serão utilizados, estão previstos material xerografado e clássicos literários adaptados para as histórias em quadrinhos.

3) **Justificativa:** Este projeto de intervenção se justifica na necessidade de se buscar alternativas para motivar as práticas de leitura, na tentativa de torná-las prazerosas e não somente uma atitude obrigatória.

4) **Benefícios:** Esta pesquisa oferece elevada possibilidade de gerar conhecimento para aliviar um problema que afeta os sujeitos da mesma.

5) **Desconfortos, riscos, danos:** Há possíveis riscos da divulgação da identidade dos alunos, mas estes serão preservados com o uso de nomes fictícios ou outra forma de proteção.

6) **Metodologia/procedimentos alternativos disponíveis:** Livros literários, quadro negro, giz, folhas em branco, lápis de cor.

7) **Confidencialidade da informações:** a pesquisa segue as normas éticas, respeitando a legislação vigente. Assume-se o compromisso de: a) Preservar a privacidade dos usuários, proprietários dos dados da documentação; b) Utilizar as informações exclusivamente para fins científicos; c) Manter sigilo absoluto das informações e não usar indicações que possam identificar o participante da pesquisa.

Luciane Bertulino Fernandes

3) **Compensação/indenização:** não previsto.

10) **Outras informações pertinentes:** a pesquisa tem como base na lei brasileira: Constituição Federal Brasileira – art. 5º, incisos X e XIV. Além disso, baseia-se nos pressupostos do PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais – de 1997.

Assentimento: Li e entendi as informações acima detalhadas. Tive oportunidade de fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram respondidas a contento. Este formulário está sendo assinado voluntariamente por mim, indicando meu consentimento para participar nesta pesquisa, até que eu decida o contrário. Receberei uma cópia assinada deste assentimento.

Nome do participante

Assinatura do(a) responsável legal

*Luciane Bertulino Fernandes*

Luciane de Oliveira Bertulino Fernandes  
Pesquisadora/Coordenadora da pesquisa

/ /  
Data

**ENDEREÇO DA PESQUISADORA:** Rua Corinthians, 464 – Maracanã – Montes Claros/MG  
CEP: 39.403-067 Fone: (038) 9120.3245  
e-mail: luciane.bertulino@gmail.com

## 2º encontro – 1h/a: Aplicação do questionário inicial

Recolheu-se a carta e o termo de consentimento que foram entregues no momento anterior. Nesse encontro seria aplicado o questionário inicial. Explicou-se o motivo da aplicação

do questionário inicial, que seria para comprovar a importância da pesquisa em questão, e tabular dados. Falou-se, também, que não precisaria ser assinado, mas que respondessem com seriedade, considerando somente a verdade. Além do questionário, foi entregue um pirulito a cada aluno, com a intenção de tornar o momento o mais agradável possível. O professor foi lendo as perguntas calmamente as perguntas, mediando, então, esse processo. Os alunos responderam com muita tranquilidade, foi um encontro agradável. Ao final foi dito aos alunos que no próximo encontro teríamos uma surpresa para eles, com a intenção de provocar neles expectativa. Seria o auditório com contadores de histórias. Os alunos ficaram curiosos, e foram para casa ansiosos sobre o que ocorreria no próximo momento.

**Figura 16: Aplicação do questionário inicial**



Fonte: arquivo pessoal da autora

**Figura 17: Aplicação do questionário inicial**



**Fonte: arquivo pessoal da autora**

### **3º encontro – 2 h/a: Auditório com contadores de histórias**

Novamente a sala foi organizada previamente, no intervalo de recreio, em semicírculo, para receber nossos alunos para esse momento de abertura oficial do projeto. Para este momento, contamos com a parceria de uma contadora de histórias adulta, e uma criança, as duas devidamente caracterizadas. A contadora de histórias adulta, caracterizada de modo lúdico, contou a história do livro “A Cartomante”, que seria utilizado em um dos círculos de leitura, de modo extremamente contextualizado, na linguagem dos adolescentes.

Ela levou diversos elementos que ajudariam na promoção da interação entre alunos/contadora/história. Como já era esperado, a princípio eles a acharam muito caracterizada para a idade deles, fizeram algumas brincadeiras, mas quando o momento foi iniciado eles deixaram de lado todos os preconceitos, e interagiram, sorriram, deram ideias, citaram exemplos, e foi possível a contextualização de toda a história. O uso de celular é proibido na escola, então um aluno pediu para filmar, o que foi permitido.

A contadora criança contou-lhes uma história que já é conhecida dos alunos, “Chapeuzinho Vermelho”. A intenção era mostrar como em qualquer idade é possível ler e interagir contando essas histórias. Os alunos a ouviram atentamente, sem nenhuma conversa

paralela. Ao terminar a história, eles receberam dos ‘doces da vovozinha’, que a ‘Chapeuzinho’ levava em sua cesta.

Os alunos ficaram eufóricos, ao final foram ao encontro das contadoras com interesse em falar com elas, e serem fotografados. Mais um momento de sucesso e motivação para a continuação do projeto.

**Figura 18: Auditório com contadores de histórias**



Fonte: arquivo pessoal da autora

**Figura 19: Auditório com contadores de histórias**



**Fonte: arquivo pessoal da autora**

#### **4º encontro – 1h/a: Apresentação de vídeo sobre círculos de leitura literária**

O 8º 14 trata-se de uma turma homogênea em termos de indisciplina, exigindo do professor atenção e estratégias redobradas. Nesse encontro a turma estava extremamente agitada, pois a escola estava sem água. Questão comum de acontecer nessa região periférica. Levou um certo tempo até a sala ser organizada do modo pretendido para esse momento. As mesas foram encostadas nos cantos da sala, e os alunos ocuparam o centro da sala apenas com as cadeiras. A intenção era que os alunos ficassem mais próximos para assistirem a um vídeo sobre círculos de leitura, seu funcionamento, objetivo, criação. Os alunos só se acalmaram quando o vídeo iniciou, o que foi positivo. O vídeo era curto (5m23s), e trazia depoimentos de alunos e professores, como participantes e multiplicadores do projeto.

A intenção era a que os alunos refletissem sobre a questão, e conhecessem uma estratégia de interação para a formação de leitores.

Na sequência, conversamos sobre o assunto, e todos tiveram a oportunidade de expor sua impressão sobre o tema abordado. Poucos alunos falaram, mas quase todos assistiram atentamente.

Os alunos que se manifestaram demonstraram interesse em participar de círculos de leitura literária, pois consideraram como atividade que promoveria aproximação entre eles, e troca de experiências.

Foi uma estratégia importante apresentar aos alunos como funcionam os círculos de leitura literária, mostrar que já existem há um bom tempo, que produzem resultados satisfatórios na formação de leitores literários, e conforme os depoimentos do vídeo, a formação de cidadãos, pois despertou os alunos para um assunto que eles desconheciam, e que consideraram interessante.

### **5º encontro – 2h/a: Elementos de uma HQ**

Antes de apresentarmos as HQ aos alunos, conversamos com os alunos sobre os elementos constitutivos do texto (HQ), a fim de tornar a leitura mais clara.

Convidamos alguns alunos aleatoriamente, eles receberam cartazes sobre elementos das HQs (Apêndice B), e foi sugerido que eles convidassem outros colegas para que juntos montassem painéis na sala. Muitos se envolveram, mas alguns ainda continuaram apáticos. Terminada a montagem dos painéis, todos os alunos foram convidados a observarem os mesmos. Trataríamos dos elementos das HQs e os recursos utilizados, porém o horário terminou. Retomamos o assunto no encontro seguinte. O material escolhido para a montagem dos painéis continha alguns erros de digitação, com supressão ou acréscimo de algumas letras. Ressaltamos os ocorridos enquanto líamos, e mantivemos o material por considerar a linguagem e apresentação adequadas ao esclarecimento do assunto.

Soubemos informalmente do contentamento dos alunos com o encontro anterior, e o efeito positivo provocado pelas contadoras de histórias.

Falamos sobre os formatos das HQs em uma conversa descontraída. Os alunos foram observando os painéis e comentando sobre suas impressões e conhecimento dos elementos das HQs, suas características, a diferença da tirinha para a HQ, a linguagem utilizada - verbal ou não verbal, quadro ou requadro, o uso das onomatopeias e das metáforas - realçando o uso das metáforas visuais, linhas cinéticas, desenhos iconográficos, e por fim, o uso dos balões: balão-fala, balão-duplo, balão-coletivo, balão-grito, balão-cochicho, balão-pensamento, e balão-narrador. Entendemos que os alunos precisavam conhecer toda essa estrutura antes de iniciarmos a leitura. Muitos alunos ficaram surpresos com as diferenças dos balões, principalmente com o balão do narrador. Desconheciam totalmente essa diferença.

Então, depois dos esclarecimentos, retomamos a disposição da sala em um semicírculo, e apresentamos nossa primeira HQ – *A Causa secreta*. Cada aluno recebeu um exemplar. Eles puderam comparar a teoria com a HQ. Falamos novamente sobre a adaptação e o clássico. Os alunos ouviram atentamente, porém nosso tempo terminou. Alguns alunos pediram para levar os livros para lerem em casa, mas explicamos que a leitura seria coletiva no próximo encontro. O maior desafio da leitura não foi o silêncio da turma, mas toda a poluição sonora que existe na escola. As janelas estão na mesma direção da porta da outra sala, e retém todo o barulho das outras salas.

A conversa sobre os elementos constitutivos da HQ foi muito interessante, pois saímos da apresentação sistematizada para um bate-papo informal no qual os alunos puderam dizer sem receios suas dúvidas, expuseram sua admiração por elementos que não conheciam, além de interagirem montando os painéis.

#### **6º e 7º encontros – 2 h/a: Leitura coletiva da primeira HQ - A causa secreta**

A sala foi acomodada em semicírculo novamente, afim de tornar o ambiente mais favorável à leitura coletiva. Cada aluno recebeu sua HQ. A sala estava agitada, como normalmente acontece. Iniciamos a leitura falando sobre o título do livro, questionando a que cada aluno se remete quando lê o título em questão. Foi citado suspense, terror, e até o seriado de investigação CSI<sup>3</sup>. Iniciamos, então, a leitura. Ao darmos início, a turma foi gradativamente se calando, e por todos os minutos seguintes, não houve nenhuma interrupção. Eles ouviram atentamente toda a história. Concluída a leitura, alguns alunos disseram que não entenderam, então retomamos o enredo, para que se fizesse compreendido a todos. Falamos sobre os hábitos de um de nossos protagonistas, Fortunato, e os alunos puderam expor sua visão sobre os assuntos tratados.

Na aula seguinte utilizamos a ficha de leitura literária: “Uma viagem literária”

Os alunos fizeram um silêncio surpreendente para ouvirem a história. Acompanharam atentamente à leitura realizada pelo professor, e saíram conversando entre si sobre a narrativa.

---

<sup>3</sup> CSI (CRIME SCENE INVESTIGATION): Conhecida série popular de Televisão, centrada em investigações de grupos de cientistas forenses do departamento de criminalística de Las Vegas.

### **8º, 9º e 10º encontros: Socialização da leitura coletiva no círculo de leitura, preenchimento da Ficha literária e socialização**

Conversamos sobre o livro lido “A causa secreta”, falamos sobre o “sadismo” do personagem Fortunato, foi questionado aos alunos se tiveram a curiosidade de pesquisar sobre o hábito de do protagonista Fortunato de sentir prazer na contemplação do sofrimento alheio. Nenhum aluno havia pesquisado. Falamos sobre o sadismo, e eles ficaram surpresos, associaram com fatos ou pessoas conhecidas, de novelas, filmes, e até do próprio contexto. Deram exemplos, e se envolveram na discussão.

O livro de fato conseguiu envolver os alunos, alguns se mostraram com raiva, ódio, medo, compaixão, sentimentos que foram despertados pela leitura literária.

A seguir, os alunos sentaram em duplas, e receberam a ficha literária, para preenchê-la. Tiveram dúvidas que poderiam ser consideradas elementares para a série em questão, talvez pela da dificuldade em articular esses conhecimentos e termos diferentes, normalmente não utilizados “viagem realizada através do livro:”; “autor do livro”; “leitor”, quase unanimemente, e os alunos não se lembravam do que se tratava o termo “protagonista”. Sabemos que muitos termos já foram estudados, porém, os alunos não se lembravam.

Preencheram a ficha literária, e socializamos coletivamente os assuntos abordados.

**Figura 20: Preenchimento da Ficha Literária**



Fonte: arquivo pessoal da autora

### **11º, 12º, 13º, 14º encontros: Divisão de equipes para a Leitura da próxima HQ em pequenos círculos de leitura no ambiente escolar; Entrega das fichas de funções**

As equipes se reuniram para a leitura dos quadrinhos. Cada equipe recebeu uma obra diferente, selecionado pelo professor, que fez o rodízio dos livros, de modo que cada aluno não repetisse o livro lido anteriormente.

Foi um momento inusitado, inesperado e produtivo. As equipes se dividiram para espaços do ambiente escolar indicados pelo professor. Ficaram extremamente à vontade. Iniciaram a leitura coletiva, e a cada visita feita pelo mediador/professora, houve mais surpresa. Os alunos dividiram as falas, incorporaram os personagens, de modo completamente espontâneo. Houve interação entre os alunos, e com o texto lido.

Concluída a leitura, os alunos, em equipe, cada qual já com sua ficha de função, a preencheu, interagindo com os demais colegas. Após o preenchimento, foi feita a socialização das impressões de cada obra, utilizando as fichas de função, e com as apresentações que haviam sido preparadas pelos alunos. Tivemos resumos espontâneos, acrósticos, indicação da obra a um colega ou amigo, e inserção de nova personagem.

Ficava cada vez mais claro a cada encontro como a interação no momento da leitura a tornava mais atraente. Os alunos fizeram declarações nos momentos de socialização dizendo da importância de ouvir a opinião do colega sobre a narrativa, e como isso facilitava a compreensão.

**Figura 21: Círculo de leitura em pequeno grupo**



**Fonte: arquivo pessoal da autora**

**Figura 22: Círculo de leitura em pequeno grupo**



Fonte: arquivo pessoal da autora

**Figura 23: Círculo de leitura em pequeno grupo**



Fonte: arquivo pessoal da autora

**Figura 24: Círculo de leitura em pequeno grupo**



Fonte: arquivo pessoal da autora

**Figura 25: Círculo de leitura em pequeno grupo**



Fonte: arquivo pessoal da autora

### **15º encontro: Divisão das equipes para círculos de leitura fora do ambiente escolar e socialização**

A sala foi redividida em equipes para a leitura da obra fora do ambiente escolar, e agora sem a intervenção do professor. Os alunos foram orientados sobre como deveriam proceder, como seria a leitura, os registros. Elegemos um líder para cada equipe. O líder ficou responsável por marcar o dia em que poderiam se reunir para esse novo “círculo de leitura literária” e de fazer o registro do encontro realizado.

Os alunos demonstraram resistência na leitura autônoma no círculo de leitura literária. Alguns alunos relataram a dificuldade do deslocamento para se encontrarem. Ainda assim prosseguimos com a intervenção planejada, para que pudéssemos perceber como procederiam.

Considerando que a aprendizagem é um processo contínuo, acredita-se que, gradativamente os alunos conseguirão adquirir autonomia para realizarem as leituras literárias individualmente ou em círculos de leitura, sem a mediação do professor.

### **16º encontro: Apreciação final e preenchimento do questionário de autoavaliação**

No encontro que ocorreu após as leituras e socialização das obras, recebemos os relatórios das equipes e as impressões das leituras realizadas, além da socialização, com indicação da obra, recontos, e inserção de novos personagens. Conversamos sobre a realização do projeto.

A leitura em pequenos círculos não aconteceu de maneira satisfatória, os alunos ainda não possuem autonomia para realizarem a atividade, mas, se trabalhada, acontecerá.

Os alunos receberam o questionário final, de autoavaliação, para que apresentassem a sua visão pós-projeto. Responderam com satisfação, e muitos tristes porque a intervenção havia terminado. Fizemos os agradecimentos finais pela cooperação dos alunos no desenvolvimento deste projeto, e cada aluno foi presenteado com uma guloseima e um livro com histórias bíblicas adaptado, adquiridos com recursos da professora autora do projeto.

**Figura 26: encontro final – alunos participantes do projeto**



**Fonte: arquivo pessoal da autora**

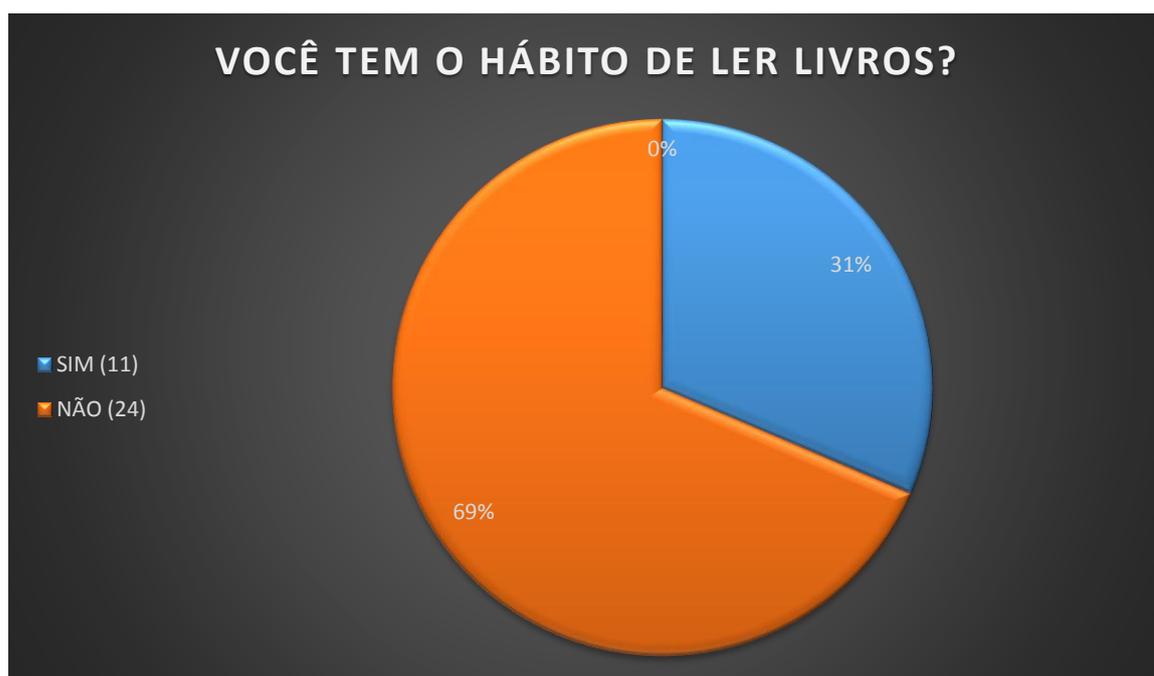
# **5 DISCUSSÃO DE RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS**

*A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade.*  
(COSSON, 2014, p. 17)

Após o levantamento de um problema, estudo sistemático do tema abordado, com a fundamentação teórica, desenvolvimento de uma metodologia e sua execução através do projeto educacional de intervenção, cabe-nos, então, suscitar algumas reflexões com uma visão geral dos resultados obtidos.

Comprovou-se através do questionário inicial a falta de hábito espontâneo de leitura da turma participante na intervenção, já que 69% dos participantes (24 alunos) não leem livros com frequência, tendo apenas 31% (11 alunos) que leem frequentemente.

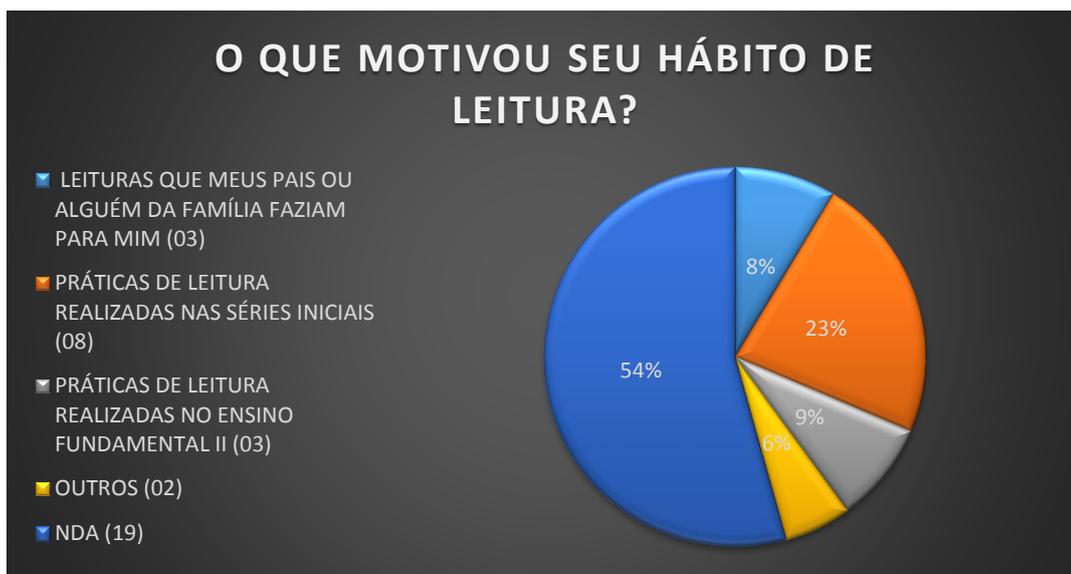
**Gráfico 1: Pergunta 01 - Questionário inicial**



Sobre os fatores que motivaram os leitores encontrados na sala em questão, 03 alunos (8%) disseram que as leituras realizadas pelos pais ou alguém da família os motivaram para desenvolverem o hábito de leitura. Outros 08 alunos (23%) disseram que foram as práticas de leitura realizadas nas séries iniciais, 3 alunos (9%) consideraram como motivadoras as práticas de leitura realizadas no ensino fundamental II, enquanto outros 2 (9%) disseram que outros fatores que desconhecem que os motivaram.

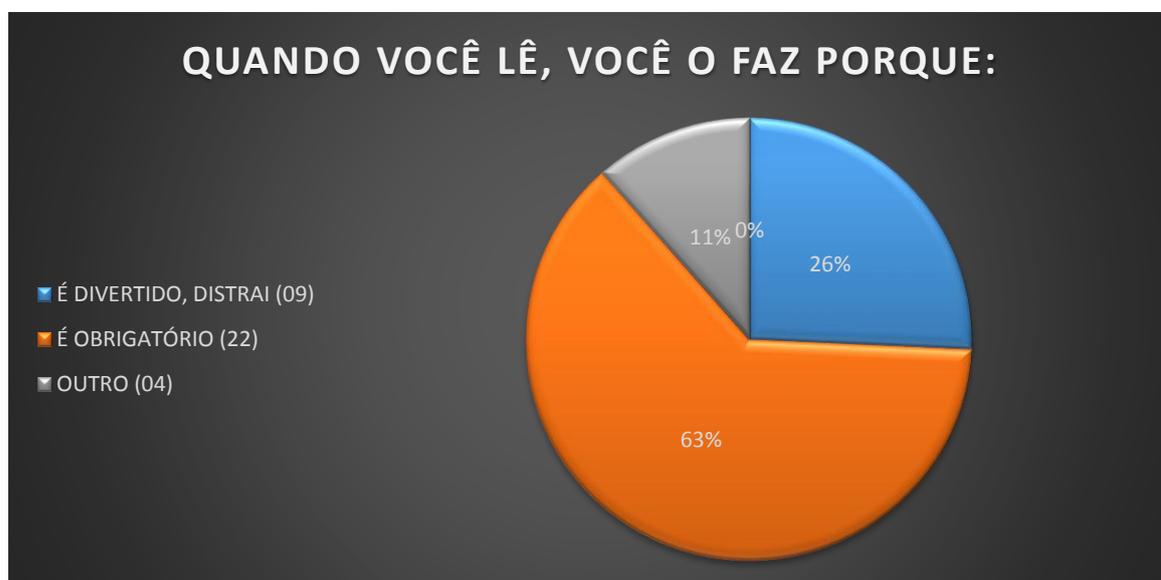
Muitos alunos relataram na ficha literária que não leem porque em casa ninguém tem esse hábito, portanto não são motivados, ‘por preguiça’, ou porque, segundo eles, as redes sociais atrapalham, porque consideram uma atividade chata, e ainda citam a escola como instituição que não oferece projetos de leitura que possam motivar o hábito desta.

**Gráfico 2: Pergunta 04 - Questionário inicial**



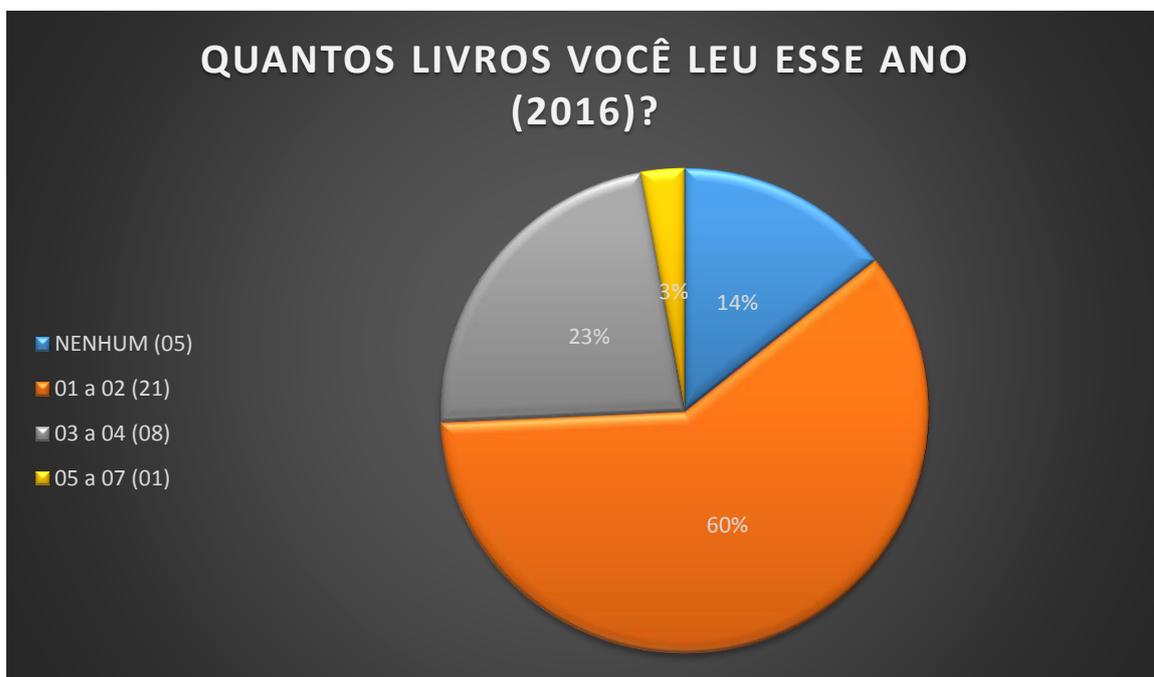
Quanto à razão da leitura realizada, 22 alunos (63%) leem porque é obrigatório, 09 (26%) o fazem por diversão, distração, e outros 04 não declararam. E temos novamente a confirmação dos dados encontrados na pesquisa realizada no Brasil, e percebidos empiricamente.

**Gráfico 3: Pergunta 03 - Questionário inicial**

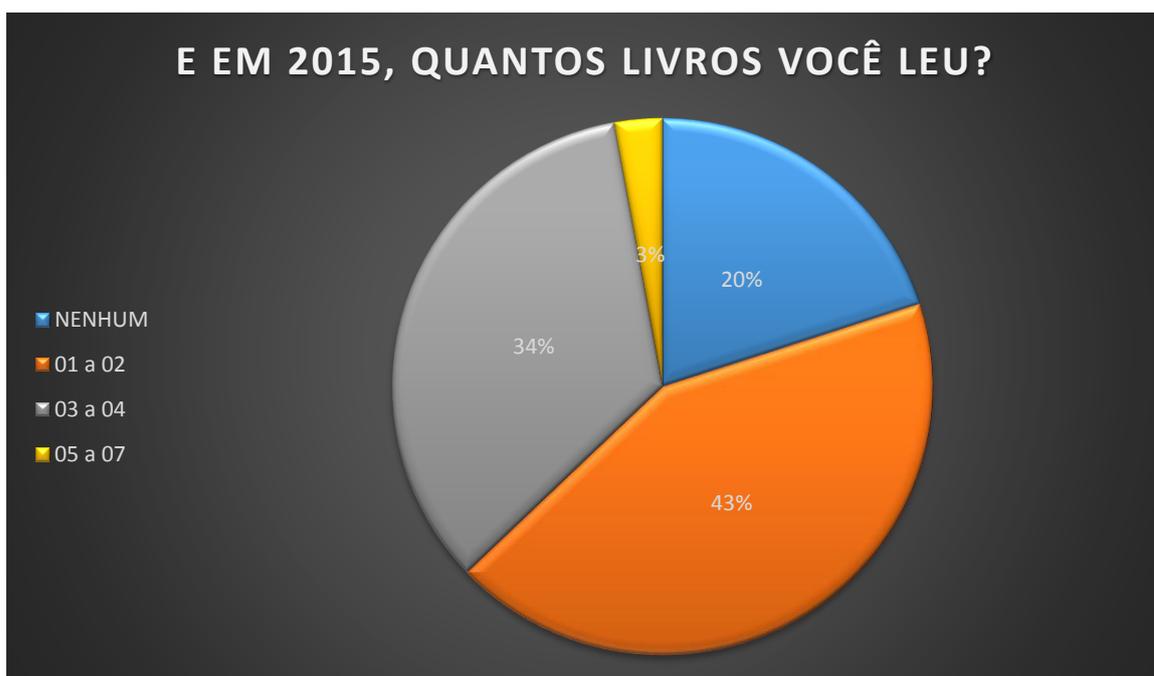


Quanto às possíveis leituras realizadas em 2015 e 2016, preponderam as leituras de 1 a 2 livros, índice que novamente confirma os dados apresentados em pesquisa realizada no país.

**Gráfico 4: Pergunta 09 - Questionário inicial**

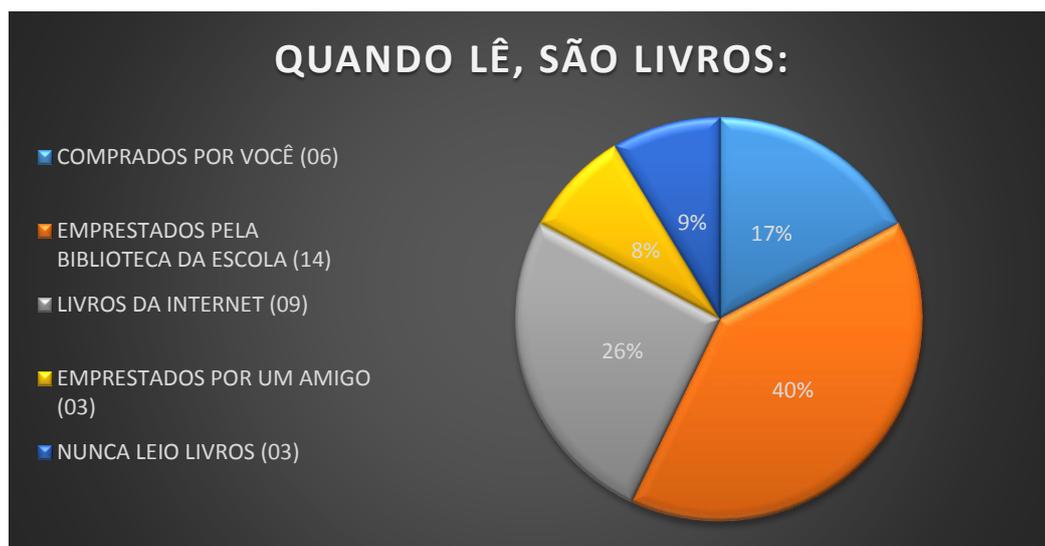


**Gráfico 5: Pergunta 09 - Questionário inicial**



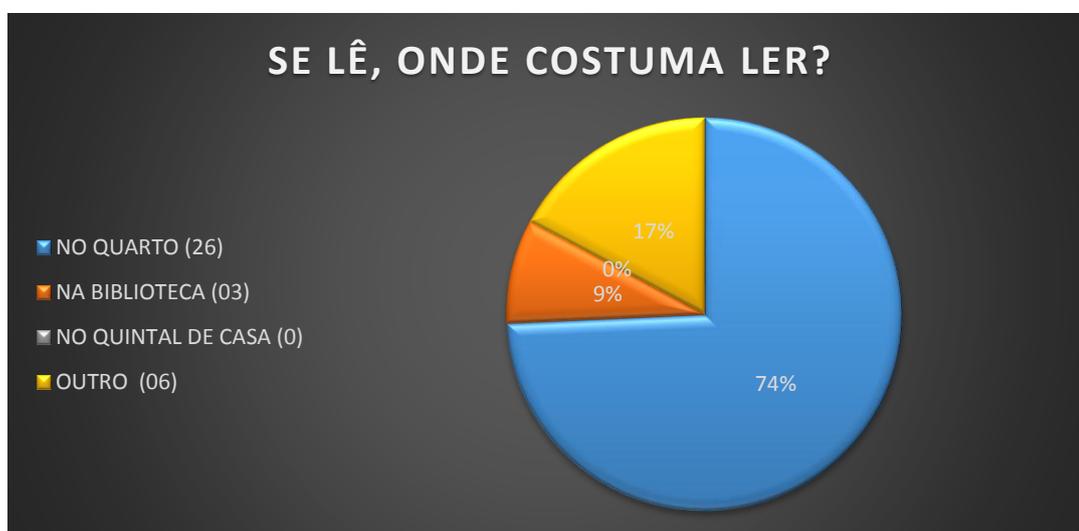
Apesar da biblioteca escolar da Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque não possuir estrutura nem acervo adequados ao atendimento da comunidade escolar, 40% dos alunos que responderam ao questionário declararam que os livros que leem são emprestados pela biblioteca escolar. 26% dos alunos disseram que realizam suas leituras em livros na internet, recurso que talvez precise ser mais explorado pelos professores.

**Gráfico 6: Pergunta 09 – Questionário inicial**

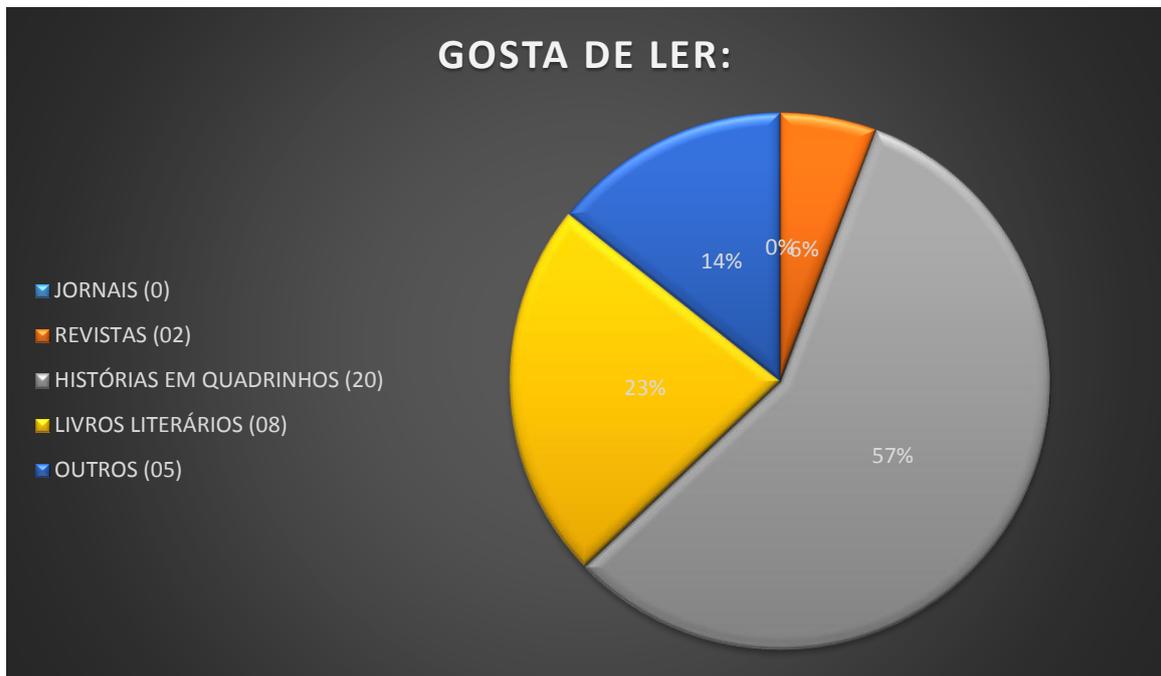


Os que possuíam hábito de leitura gostam de ler em seus quartos (74%) ou em outro local não citado (17%), poucos leem na biblioteca da escola (9%), exatamente por causa da falta de estrutura adequada para receber os alunos para leituras.

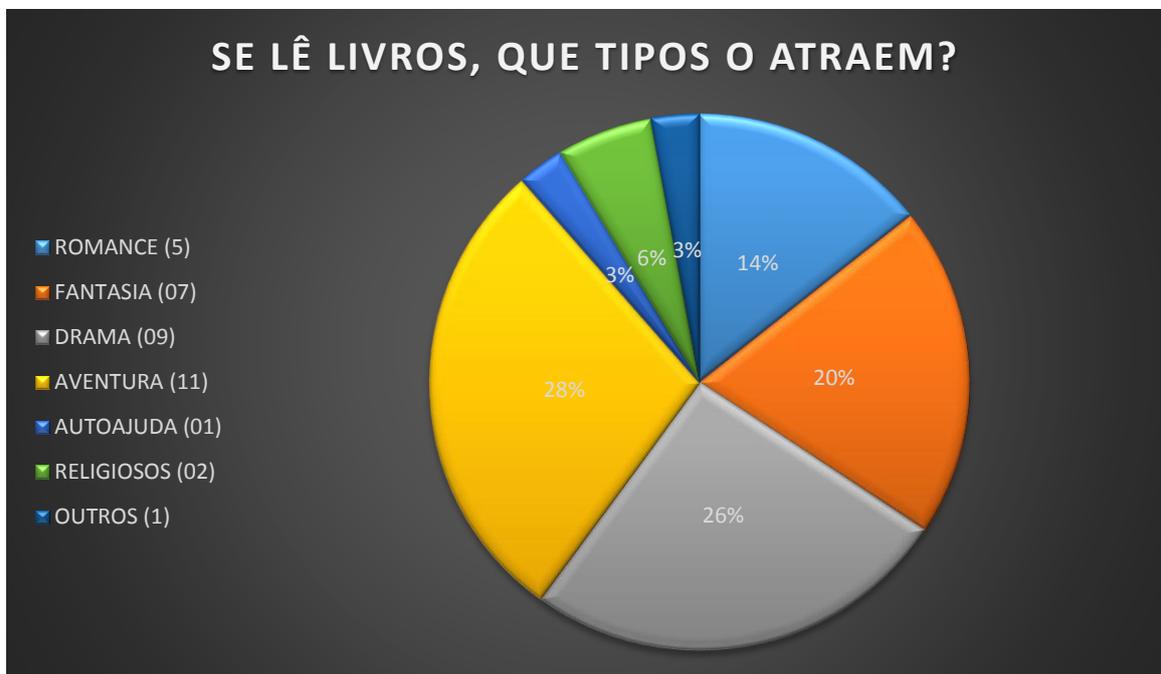
**Gráfico 7: Pergunta 07 – Questionário inicial**



**Gráfico 8: Pergunta 05 – Questionário inicial**



**Gráfico 9: Pergunta 6 – Questionário inicial**



Apesar de declararem que a escola não promovia eventos ‘expressivos’ que pudessem motivá-los à leitura, grande parte dos alunos disseram que é feita a leitura coletiva em sala.

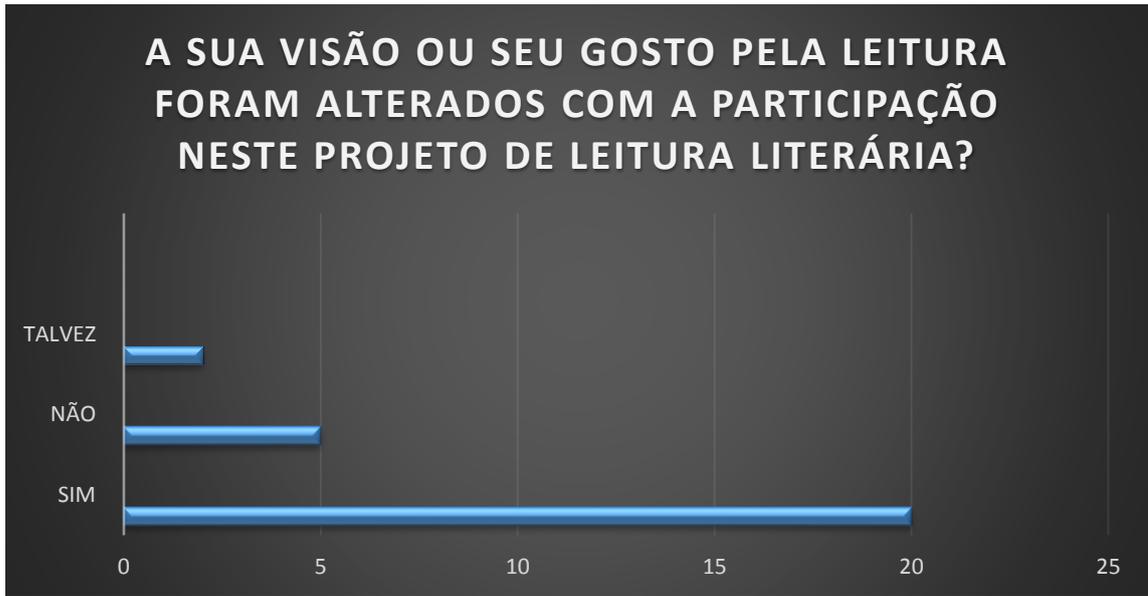
Quando questionados sobre as práticas que poderiam motivá-los ao prazer e hábito de leitura, uns disseram que se a internet não existisse poderiam ler mais, outros citam livros que foram elaborados a partir de filmes poderiam contribuir para a construção do hábito de leitura, outros citaram a realização de projetos de leitura na escola, como feira do livro, dia do livro, ou a produção do próprio livro, e alguns até relataram que nada os motivaria, e até livros de *youtubers* foram citados como motivadores da leitura, e também a leitura de HQs.

**Gráfico 10: Pergunta 10 – Questionário inicial**

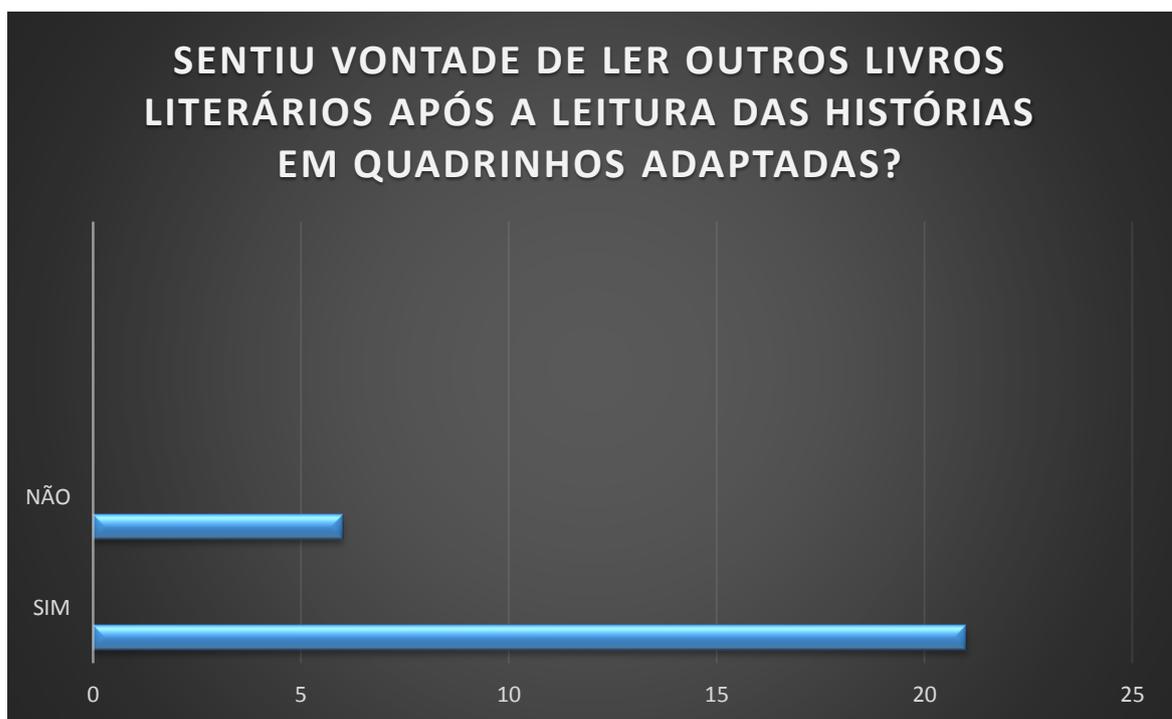


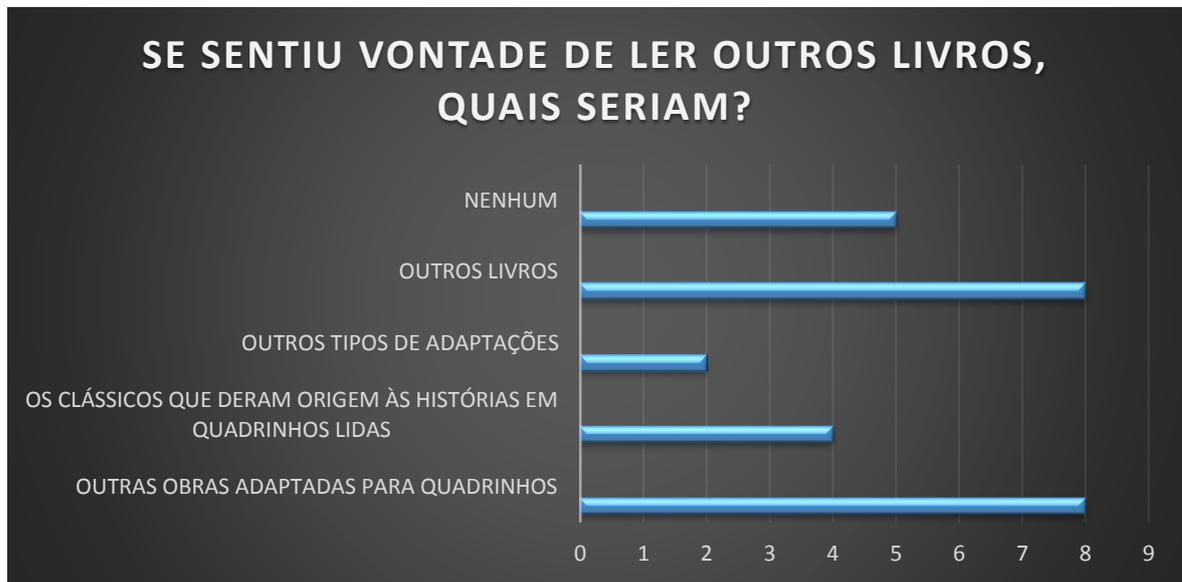
Na autoavaliação final, a maioria de nossos alunos declarou ter tido a visão da leitura alterados com a participação na intervenção. Dentre os aspectos positivos citados, tivemos a leitura de quadrinhos, houve depoimento de que se ‘aprendeu a ler e a desenvolver a leitura’, a leitura em grupo foi citada como positiva, o encontro com os colegas, e ainda que ‘a leitura fica saudável quando você tem um amigo para ler com você’, ainda as adaptações para os quadrinhos. Um leitor considerou os livros ‘divertidos, com mistério, aventura, e amores ocultos’, ainda ‘a leitura em grupo é positiva pois se pode ouvir a opinião do outro, não só a minha’, e houve quem considerou ‘a professora’, como aspecto positivo.

Como ponto negativo, três alunos julgaram os textos dos livros muito antigos, e sugeriram que fossem utilizados livros ‘mais atuais’.

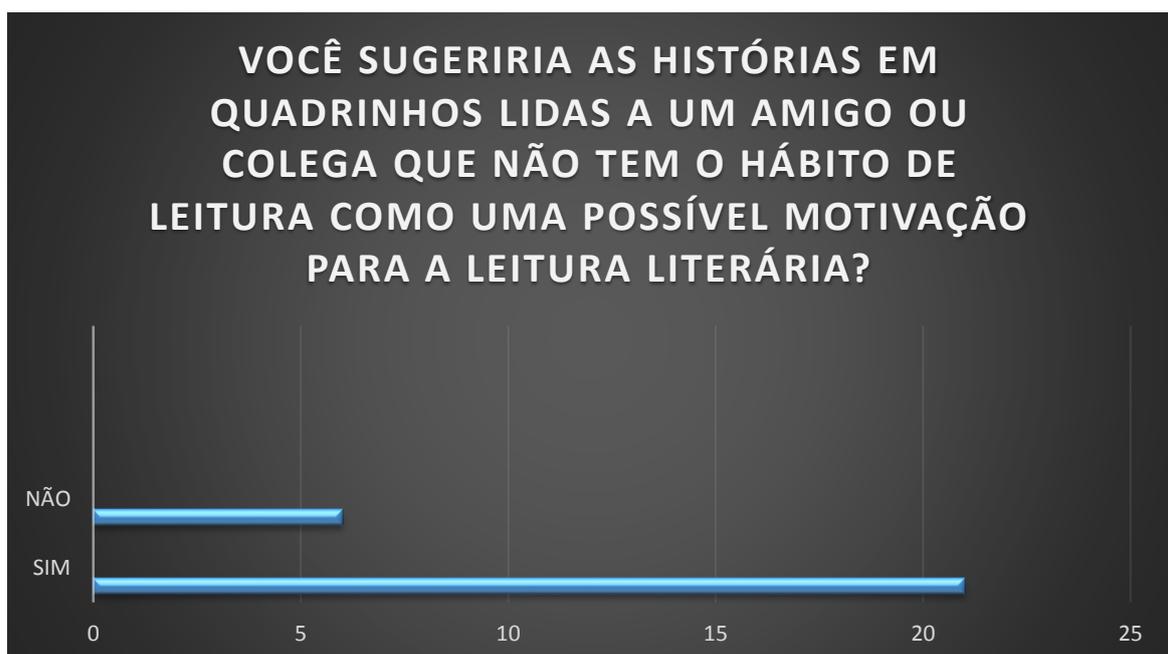
**Gráfico 11: Pergunta 1 – Questionário de autoavaliação**

Preponderou-se, entre as declarações, o desejo de ler outras obras literárias, após a leitura das HQs adaptadas, e outros o desejo de ler outras obras adaptadas para HQs, sendo estas o maior número, outros sentiram o desejo de ler os primeiros livros (clássicos) que deram origem às HQs lidas, e por fim outros livros literários.

**Gráfico 12: Pergunta 4 – Questionário de autoavaliação**

**Gráfico 13: Pergunta 4 – Questionário de autoavaliação**

Os novos leitores foram unânimes em opinar que indicariam as adaptações lidas a um amigo ou colega que não gosta de ler, como livro que o motivaria para o possível gosto e hábito de leitura. Esses dados nos trazem a resposta ao nosso questionamento inicial: O uso, nos círculos de leitura, de obras clássicas adaptadas para as histórias em quadrinhos pode motivar o aluno para a leitura literária, preparando-o para conhecer o texto original?

**Gráfico 14: Pergunta 5 – Questionário de autoavaliação**

As considerações relatadas na ficha literária ‘uma viagem literária’, a partir da leitura do livro *A causa secreta*, demonstraram a contextualização da obra, e, segundo a percepção do professor, conforme suas declarações, o quanto ela despertou nos leitores o que de humano há neles, relatos de sentimentos de raiva, medo, tristeza, felicidade, ansiedade, piedade, angústia, curiosidade, indignação, ódio, repugnância e compaixão. Alguns comentaram sobre a linguagem do livro, que apesar de complexa, foi passível de compreensão, compararam-se aos personagens, pontuando suas semelhanças e diferenças, e refletiram sobre a vida e a condição humana, e alguns ficaram curiosos, relatando que se se encontrassem com o autor, o questionariam se a narrativa se baseava em fatos reais, e porque o protagonista era tão cruel.

A leitura dos clássicos adaptados para as HQs nos círculos de leitura e as estratégias de leitura propostas por Rildo Cosson fizeram com que os alunos notassem a importância da leitura do texto literário. Promoveu-se a reflexão, e cumpriu-se o papel humanizador da literatura, nos termos de Candido (2004), como se percebeu, nas fichas de leitura literária, o despertar de emoções e sentimentos como ódio, raiva, contentamento ou descontentamento, curiosidade, pena, dentre outros.

Assim sendo, vimos que a troca de experiências no ato da leitura tornou a leitura significativa, sendo o professor o mediador do processo, em que o mais relevante foram as estratégias utilizadas para se atingir o objetivo. Daí a importância de a escola, no papel do professor, ensinar aos alunos as técnicas de interpretação dos textos literários.

Percebeu-se, com esta intervenção, a experiência da leitura compartilhada, e da importância da mesma para a aquisição do gosto pela leitura. Os eventos de letramento levaram os alunos a perceberem a importância do uso de estratégias para a leitura e da importância da leitura do texto literário. A troca de experiências que ocorreu no ato da leitura, entre aluno/aluno e aluno/professor produziu reflexões, e tornou a leitura significativa.

A hipótese de que o trabalho com as adaptações para HQs poderia oportunizar condições favoráveis a uma possível resignificação da leitura, sobretudo a literária, possibilitando, ainda, o interesse por outras narrativas, conforme a autoavaliação final, foi comprovada, desde que desenvolvidas nos círculos de leitura literária, utilizando-se as estratégias de leitura sugeridas por Rildo Cosson (2014).

Quanto aos círculos de leitura, apresentaram-se satisfatórios, na turma em questão ‘mediados’ pelo professor. Os alunos ainda não tiveram autonomia suficiente para realizar os círculos de leitura de modo satisfatório nos horários extraclasse, necessitando, ainda, de mais tempo para adquirirem essa autonomia.

Os alunos demonstraram, através do preenchimento da ficha literária, de socialização e do questionário final, o prazer nas leituras realizadas e o interesse na leitura de outras obras literárias, de modo espontâneo. Ainda relataram a importância da promoção, na escola, de outros eventos de letramento como motivação do hábito espontâneo de leitura literária.

Entendemos que houve um avanço significativo na postura de muitos alunos com relação à leitura de obras literárias, e no uso de estratégias para a leitura, além da troca de experiências nos círculos de leitura, mas compreendemos também que o desenvolvimento de uma intervenção em apenas um trimestre não é suficiente para sanar todos os problemas relacionados à falta do hábito de leitura encontrados.

Ressaltamos, ainda, que nos deparamos com muitas dificuldades no desenvolvimento desta intervenção, como falta de recursos, poluição sonora, falta de água na escola, por diversas vezes, inclusive, e apesar de dificultarem a realização das atividades, todas foram realizadas com êxito, e resultados positivos foram alcançados.

E, por fim, destacamos a importância deste trabalho para as ações docentes no ensino básico, pela comprovação das hipóteses aqui apresentadas, e os resultados positivos adquiridos através da aplicação da metodologia sugerida, além da relevância também para o universo acadêmico, em função das considerações teóricas expostas. Ademais, destacamos como ganho da pesquisa realizada a oportunidade que tivemos de, enquanto professora da educação básica, estudar e refletir sobre os processos de ensino e aprendizagem na área da linguagem literária, resultando, portanto, na nossa mudança de postura com vistas a alcançar sempre melhores resultados.

## **7 REFERÊNCIAS**

BAJARD, Élie. **Caminhos da escrita: espaço de aprendizagem**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

BARROS, D. L. P. de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005.

BRASIL. **Orientações Curriculares Nacionais: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Ensino Médio**. Brasília: MEC/Semtec, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: n. 9.394/96**. Brasília: 1996.

BRAGA, D. B., & BUSNARDO, J. **Uma visão neo-gramsciana de leitura crítica: contexto, linguagem e ideologia**. In Ilha do Desterro. n° 38 p.091-114 Florianópolis jan./jun. 2000.

BUENO, Silveira. **Dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2000.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CÂNDIDO, A. O direito à literatura. In \_\_\_\_\_. **Vários escritos**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas cidades, 2004.

CAVALCANTE JUNIOR, Francisco Silva. **Por uma escola do sujeito: o método con(texto) de letramentos múltiplos**. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. ed. 4ª. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FISCHER, Steven R. **História da Leitura**; Tradução Cláudia Freire – São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FORMIGA, Girlene Marques; INÁCIO, Francilda Araújo. **Literatura no Ensino Médio: reflexões e proposta metodológica**. In: Revista Brasileira de Literatura Comparada. Número 22, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados, 2005.

GARCIA, E. G. **A leitura na escola de 1º grau: por uma leitura da leitura**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JOLIBERT, J. H. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- JOUBE, Vincent. BAGNO, Marcos & MARCIONILO, Marcos, tradutores. **Por que estudar literatura?** São Paulo: Parábola, 2012.
- KLEIMAN, A. **Texto e leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. Campinas: Pontes, 2002.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica 1** - 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.
- MACHADO, A. M. **A leitura deve dar prazer**. Nova Escola: a revista de quem educa. São Paulo, ed. 16, n. 145, set. 2001.
- MACHADO, A. M. **Silenciosa Algazarra: Reflexões sobre livros e práticas de leitura**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 4. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. In: Os sete saberes necessários à Educação do Futuro. Tradução de São Paulo: Cortez, Brasília, DF, UNESCO, 2000.
- MOYA, Álvaro de. **SHAZAM!** São Paulo: Perspectiva, 1972.
- NASCIMENTO, Célia Regina do; SOLIGO, Rosaura. **Leitura e leitores**. Brasília: Secretaria de Ensino Fundamental, 2001. Módulo-3, Unidade-4, Texto-7.
- PINA, Patrícia Kátia da Costa. **A Literatura em quadrinhos formando leitores hoje**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014.
- PINA, Patrícia Kátia da Costa. **Literatura em quadrinhos**. In: GREGORIN FILHO, José Nicolau (Org.) **Literatura infantil em gêneros**. São Paulo: Mundo Mirim, 2012.
- RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.
- REY, F.L.G. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira, 2002.
- RIBEIRO, Elisa. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa**. In: Evidência, olhares e pesquisas em saberes educacionais. Número 4, maio de 2008. Araxá. Centro Universitário do Planalto de Araxá.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Modelos Teóricos e estratégias de leitura: suas implicações no ensino.** Maceió: EDUFAL, 2005.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

VARGAS, Suzana. **Leitura: uma aprendizagem de prazer.** 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Quadrinhos e Educação Popular no Brasil.** In: VERGUEIRO, Waldomiro e Ramos, Paulo (Orgs.) **Muito além dos quadrinhos: análises e reflexões sobre a ga arte.** São Paulo: Contexto, 2009.

VITRAL, Ramon. **Literatura Gráfica.** In: Azul Magazine. Número 24, abril de 2015.

NÉRI, Felipe. *et al.* **Número de leitores caiu 9,1% no país em quatro anos, segundo pesquisa, 2012.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/03/numero-de-leitores-caiu-91-no-pais-em-quatro-anos-segundo-pesquisa.html>> Acesso em: 03 fev. 2015.

NÉRI, Felipe. *et al.* **Crianças e adolescentes estão lendo menos, indica pesquisa, 2012.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/03/criancas-e-adolescentes-estao-lendo-menos-indica-pesquisa.html>> Acesso em: 03 fev. 2015.

WEISFLOG, Alfredo. *et al.* **Pesquisa Retratos da leitura no Brasil, 2012.** Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=48>> Acesso em: 14 fev. 2015.

RODRIGUES, Maria Fernanda. **Clássicos Literários adaptados para HQ ganham espaço no mercado editorial, 2014.** Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/classicos-literarios-adaptados-para-hq-ganham-espaco-no-mercado-editorial/>> Acesso em: 15 jun. 2015.

Redação do Brasil Cultura. **História em quadrinhos no Brasil, 2011.** Disponível em: <<http://www.brasilcultura.com.br/artes-plasticas/historia-em-quadrinhos-no-brasil/>> Acesso em: 25 nov. 2015.

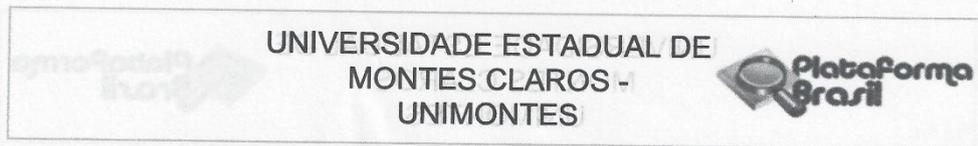
ALVES, Bruno. **A venda de quadrinhos no Brasil, 2012.** Disponível em: <<http://geekcafe.blog.br/livrosehqs/quadrinhos-e-a-venda-no-brasil/>> Acesso em: 25 nov. 2015.

NOGUEIRA, Natania A. Silva. **Oficina de histórias em quadrinhos, 2014.** Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/gibiteca/oficina-de-histrias-em-quadrinhos-nova>> Acesso em: 25 nov. 2015.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A

### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** LITERATURA E QUADRINHOS: DIÁLOGOS E RESSIGNIFICAÇÕES NA FORMAÇÃO DO LEITOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA

**Pesquisador:** Luciane de Oliveira Bertulino Fernandes

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 50634015.7.0000.5146

**Instituição Proponente:** Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.375.756

##### Apresentação do Projeto:

Este projeto de intervenção se justifica na necessidade de se buscar alternativas para motivar o hábito da leitura, na tentativa de torná-lo prazeroso e não somente uma atitude obrigatória. A importância do desenvolvimento da investigação e da intervenção reside no fato de que, tudo indica, a motivação da leitura pela professora de Língua Portuguesa através da apresentação de clássicos da literatura adaptados para as HQs, sua manipulação e posterior leitura incentivarão os estudantes a ressignificarem a leitura, entendendo a, também, como ato prazeroso e desprovido de obrigação e os motivarão a outras leituras. O Projeto será desenvolvido no 8o. 15 da Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque, no bairro Maracanã, região periférica na cidade de Montes Claros - MG.

##### Objetivo da Pesquisa:

Proporcionar aos alunos do 8º ano 15 da Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque o desenvolvimento de atividades de leitura de forma que eles possam ressignificar essa prática.

**Endereço:** Av. Dr. Rui Braga s/n - Camp. Univers. Prof. Darcy Rib  
**Bairro:** Vila Mauricéia **CEP:** 39.401-089  
**UF:** MG **Município:** MONTES CLAROS  
**Telefone:** (38)3229-8180 **Fax:** (38)3229-8103 **E-mail:** smelocosta@gmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
MONTES CLAROS -  
UNIMONTES



Continuação do Parecer: 1.375.756

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Prevalecerá o respeito pela dignidade humana e o bem estar dos sujeitos envolvidos na pesquisa, em detrimento de quaisquer outros interesses. Os riscos previstos serão comunicados e precavidos. De acordo com a Res. 466/12, manter-se-á a confidencialidade e o sigilo de cada sujeito incluído na pesquisa. Sobre os possíveis riscos e desconfortos decorrentes da pesquisa, poderão aparecer situações adversas decorrentes das características dos sujeitos (adolescentes), e do contexto (região periférica), porém, aparecendo tais situações, os sujeitos terão assistência imediata ou integral, dependendo do caso, considerando, sempre, a preservação do bem estar dos indivíduos. Pode ocorrer a exposição dos alunos, então, para que seja mantido o sigilo, serão usados nomes fictícios para que estes sejam preservados.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O projeto é de grande importância, pois, se justifica na necessidade de se buscar alternativas para motivar o hábito da leitura, na tentativa de torná-lo prazeroso e não somente uma atitude obrigatória. A importância do desenvolvimento da investigação e da intervenção reside no fato de que, tudo indica, a motivação da leitura pela professora de Língua Portuguesa através da apresentação de clássicos da literatura adaptados para as HQs, sua manipulação e posterior leitura incentivarão os estudantes a ressignificarem a leitura, entendendo a, também, como ato prazeroso e desprovido de obrigação e os motivarão a outras leituras.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Adequados.

**Recomendações:**

Apresentação de relatório final por meio da plataforma Brasil, em "enviar notificação".

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O projeto respeita os preceitos éticos da pesquisa em seres humanos, sendo assim somos favoráveis à aprovação do mesmo.

**Endereço:** Av. Dr. Rui Braga s/n - Camp. Univ. Prof. Darcy Rib  
**Bairro:** Vila Mauricéia **CEP:** 39.401-089  
**UF:** MG **Município:** MONTES CLAROS  
**Telefone:** (38)3229-8180 **Fax:** (38)3229-8103 **E-mail:** smelocosta@gmail.com

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
MONTES CLAROS -  
UNIMONTES**



Continuação do Parecer: 1.375.756

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_571926.pdf	18/12/2015 10:20:12		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_luciane_ob_fernandes.docx	09/12/2015 17:45:10	Luciane de Oliveira Bertulino Fernandes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_ASSENTIMENTO_LUCIANE_OB_FERNANDES.pdf	30/10/2015 15:34:21	Luciane de Oliveira Bertulino Fernandes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_luciane_ob_fernandes.pdf	30/10/2015 15:19:13	Luciane de Oliveira Bertulino Fernandes	Aceito
Outros	Termo_responsabilidade_luciane_ob_fernandes.pdf	07/09/2015 16:03:46	Luciane de Oliveira Bertulino Fernandes	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto_luciane_obfernandes.pdf	07/09/2015 15:44:34	Luciane de Oliveira Bertulino Fernandes	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

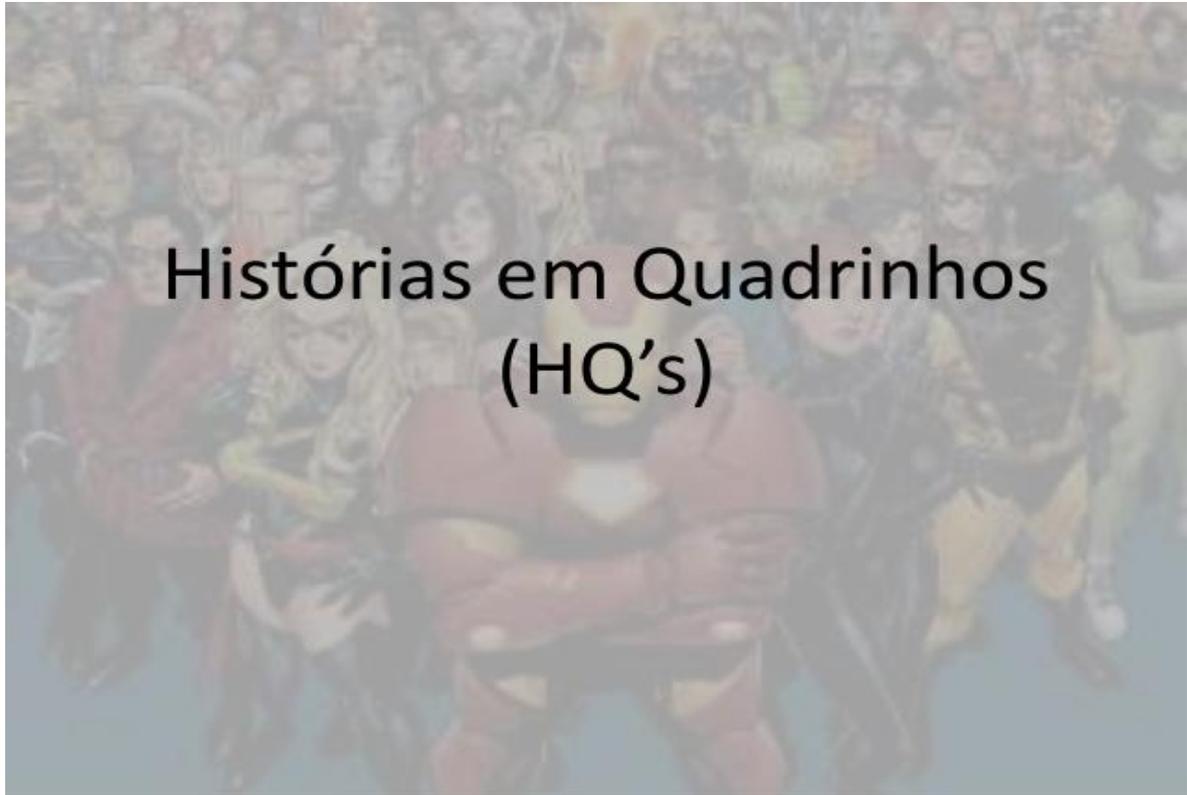
Não

MONTES CLAROS, 18 de Dezembro de 2015

\_\_\_\_\_  
**Assinado por:  
SIMONE DE MELO COSTA  
(Coordenador)**

**Endereço:** Av. Dr Rui Braga s/n-Camp Univers Profª Darcy Rib  
**Bairro:** Vila Mauricéia **CEP:** 39.401-089  
**UF:** MG **Município:** MONTES CLAROS  
**Telefone:** (38)3229-8180 **Fax:** (38)3229-8103 **E-mail:** smelocosta@gmail.com

## APÊNDICE B ELEMENTOS DE UMA HQ



Fonte: <http://pt.slideshare.net/gibiteca/oficina-de-histrias-em-quadrinhos-nova>

### FORMATOS DE QUADRINHOS

- Inicialmente publicados em jornais, os quadrinhos foram concebidos na forma de tiras. Temos dois tipos de tiras, o primeiro tipo é o mais comum atualmente. São 3 ou 4 quadros que contam uma história rápida.
- Temos também tiras que ocupam uma página inteira, onde a narrativa tem início, meio e fim.
- As histórias em quadrinhos possuem uma narrativa mais longa, que pode ocupar diversas páginas.
- As primeiras histórias em quadrinhos também foram publicadas em jornais e o leitor aguarda toda semana pela sua continuação. Mais tarde elas migraram para o formato de revista em quadrinhos, que conhecemos hoje.



fppt.com

Fonte: <http://pt.slideshare.net/gibiteca/oficina-de-histrias-em-quadrinhos-nova>

### Turma da Mônica Maurício de Sousa



### XAXADO/Cedraz



Fonte: <http://pt.slideshare.net/gibiteca/oficina-de-histrias-em-quadrinhos-nova>

## 1. Quadro ou requadro

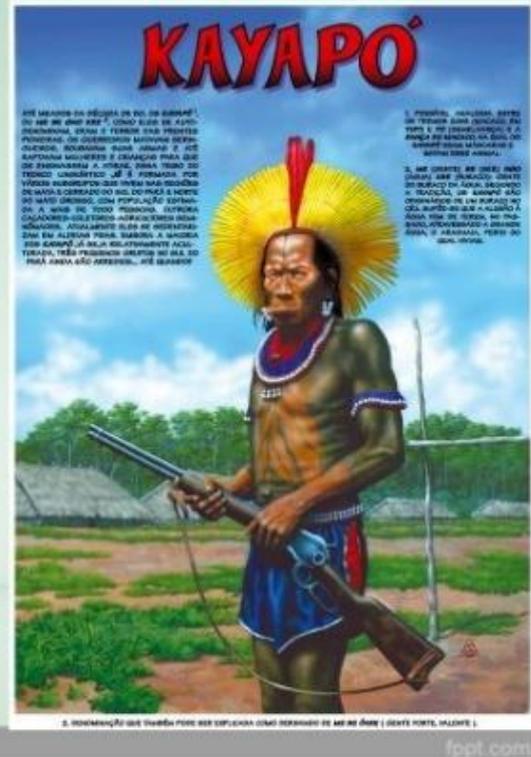
- É aquele moldura que envolve a HQ. Dentro dela fica desenhada uma cena que vai compor a história a ser lida.
- Esse elemento (o quadrinho) é que dá o nome a este gênero textual. São história contadas em quadros e que, lidas em sequencia, permitem que o leitor compreenda o enredo.



Fonte: <http://pt.slideshare.net/gibiteca/oficina-de-histrias-em-quadrinhos-nova>

## 2. Recordatório:

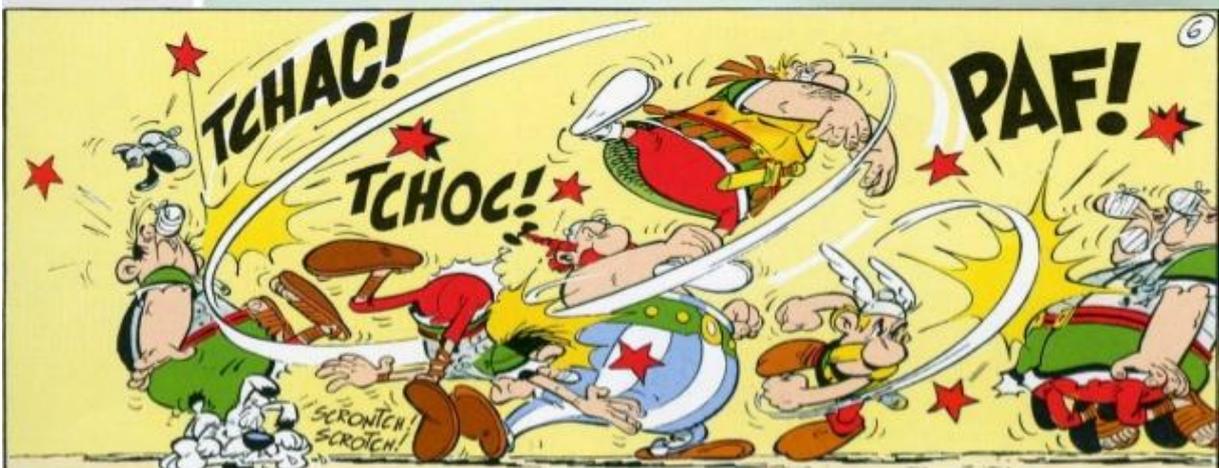
- São aqueles pequenos painéis (como ou sem moldura) dentro dos quadrinhos que são usados pelo narrador para fazer a descrição geral de uma cena, introduzindo uma parte da história para que ela fique mais compreensível à medida que leitor vai desenvolvendo a leitura do quadrinho.



Fonte: <http://pt.slideshare.net/gibiteca/oficina-de-histrias-em-quadrinhos-nova>

## 3. Onomatopeia

- É uma Figura de linguagem utilizada para reproduzir os sons existentes no mundo. As palavras classificadas como onomatopeicas servem para descrever os sons, como o latido de um cachorro, o miado de um gato, o tocar de um telefone, o barulho da chuva ao cair no chão ou o ronco emitido pelos motores dos carros. As onomatopeias deixam o texto mais poético, divertido, real e fácil de ser compreendido.



Fonte: <http://pt.slideshare.net/gibiteca/oficina-de-histrias-em-quadrinhos-nova>

## ONOMATOPEIA

COISA QUEBRANDO <b>CRÁS!</b>	TIRO <b>BANG!</b>	BATENDO EM ALGO <b>TUM!</b>	SOCO <b>SOC!</b>
PINGO <b>PING!</b>	BATENDO NA MADEIRA OU EM UMA PORTA <b>TOC!TOC!</b>	BARULHO DE MOLA <b>TÓING!</b>	BEIJO <b>CHUAC!</b>
RAPIDEZ <b>VUPT!</b>	CAMPAINHA ♪ <b>DIN! DÓN!</b> ♪	CHUVA, TROVÕES <b>CABRUM!</b>	

Fonte: <http://pt.slideshare.net/gibiteca/oficina-de-histrias-em-quadrinhos-nova>



Fonte: <http://pt.slideshare.net/gibiteca/oficina-de-histrias-em-quadrinhos-nova>

## 4. Linhas cinéticas

- São aqueles riscos que indicam os movimentos dos personagens, quando estão andando, acenando ou fazendo algum outro gesto que exija algum movimento do corpo.
- Na linguagem das HQs essas pequenas linhas fazem muita diferença e dão mais dinamismo ao desenho.



Fonte: <http://pt.slideshare.net/gibiteca/oficina-de-histrias-em-quadrinhos-nova>

## 5. Desenhos iconográficos

- São imagens que possuem alguma característica com o que está sendo representado, mas que não correspondem ao objeto real, como por exemplo, uma árvore, uma nuvem pássaros, etc. Eles são usados geralmente para compor o cenário.



Fonte: <http://pt.slideshare.net/gibiteca/oficina-de-histrias-em-quadrinhos-nova>

## 6. Metáforas visuais

- Metáforas em desenhos para indicar um sentimento ou um acontecimento.
- Por exemplo, um coração soltando do peito como sinal de paixão; notas musicais indicando um assovio; estrelas em torno da cabeça; uma lâmpada acesa indicando que a pessoa teve uma ideia, etc.



Fonte: <http://pt.slideshare.net/gibiteca/oficina-de-histrias-em-quadrinhos-nova>

## 7. Efeito Murey

- É um código visual que visa dar o efeito visual de movimento. Como podes observar, este efeito é explorado pela repetição da mesma imagem em várias posições.



Fonte: <http://pt.slideshare.net/gibiteca/oficina-de-histrias-em-quadrinhos-nova>

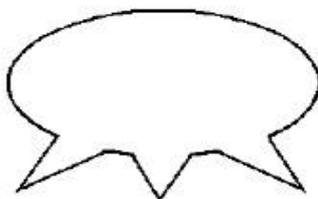
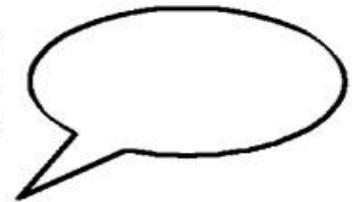
## 8. O balão

- Por fim temos os balões. Eles são uma das características mais marcantes de uma história em quadrinhos moderna.
- O balão é espaço utilizado para as falas dos personagens. Nos quadrinhos eles dividem espaço da narrativa com os recordatórios, que são painéis dentro dos quadrinhos usados pelo narrador.
- Existem vários tipos de balões.



Fonte: <http://pt.slideshare.net/gibiteca/oficina-de-histrias-em-quadrinhos-nova>

**Balão Fala:** para mostrar o que um personagem está falando. Possui o formato oval e um rabicho indicando onde está saindo o som. Por isto, o rabicho geralmente fica posicionado próximo à boca do personagem.



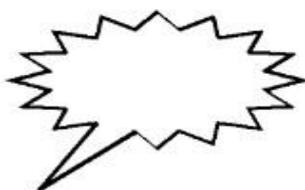
Quando há mais de uma pessoa falando, a mesma coisa e ao mesmo tempo, o balão fica com mais de um rabicho.

Fonte: <http://pt.slideshare.net/gibiteca/oficina-de-histrias-em-quadrinhos-nova>

**Balão narrador:** este balão não possui rabichos e por isto não é associado a nenhum personagem específico. Ele é utilizado para fornecer dados extras à história, como onde e quando a história se passa. Ainda, pode conter os trechos que seriam específicos do narrador na história, por isto o seu nome balão narrador.



Fonte: <http://pt.slideshare.net/gibiteca/oficina-de-histrias-em-quadrinhos-nova>



**Balão grito:** quando um personagem está gritando, o balão deixa de ter um formato oval e passa a ter várias pontas de diversos tamanhos.

**Balão pensamento:** este balão é um dos poucos balões que não mostram o que o personagem está falando. Tal balão tem o formato de nuvens e é utilizado apenas para mostrar os pensamentos dos personagens.



Fonte: <http://pt.slideshare.net/gibiteca/oficina-de-histrias-em-quadrinhos-nova>

## Balão de coletivo



Fonte: <http://pt.slideshare.net/gibiteca/oficina-de-histrias-em-quadrinhos-nova>

## Balão duplo



Fonte: <http://pt.slideshare.net/gibiteca/oficina-de-histrias-em-quadrinhos-nova>

## Balão indicador



Fonte: <http://pt.slideshare.net/gibiteca/oficina-de-histrias-em-quadrinhos-nova>

**APÊNDICE C**  
**ACRÓSTICO ELABORADO ESPONTANEAMENTE APÓS LEITURA**  
**EM PEQUENOS CÍRCULOS - LEITOR A-**

**Acrosticos**

**M**over su viver,  
**E**ssa deixão não é  
**M**inha mem sua.  
**O** que eu posso fazer,  
**R**ever e voltar ao  
**I**meio, ao meio e  
**A**o fim, isso não  
**S**eria possível.

**P**or isso,  
**O** que me resta é  
**S**alvar as minhas memórias,  
**T**antas são elas de:  
**U**nião, odio,  
**M**ãe, amor,  
**A**mizade, paixão  
**S**audades e de vaidades.

**D**epois de tanto tempo,  
**E**stadas guardadas dentro de um  
**B**au sujo e úmido.  
**R**aras essas memórias,  
**A**mor que não as  
**S**olto e as leio.

**C**ertamente,  
**U**nião, as memórias postumas de  
**B**rás Cubas  
**A**rmadas e guardadas dentro doquelo bau  
**S**ujo e úmido dentro do <sup>minha</sup> mente.

**ACRÓSTICO ELABORADO ESPONTANEAMENTE APÓS LEITURA  
EM PEQUENOS CÍRCULOS - LEITOR B-**

Acrostico

O meu Deus que livro é este

A amigo da

Loucura,

Irmã da

Estranheza.

Histo é cheio de

intrigas e riquezas.

Simão Bacamarte

tratante do

amor e da amizade.

Machado

autor de

Contos incríveis que

há são apenas de

amor e ódio, mas

de contos que nos leram para

o universo totalmente diferente

do nosso.

**APÊNDICE D**  
**RECOMENDAÇÃO ESPONTÂNEA DE UM LIVRO APÓS LEITURA**  
**EM PEQUENOS CÍRCULOS - LEITOR A-**

Livro = O Alienista

autor da recomendação = Davi Ktula

O Livro O Alienista, na minha opinião é um tipo de um ~~erro~~ entre a razão e a loucura, é um livro que fala sobre um homem que acha que tem o poder de terminar quem é normal e quem tem uma espécie de demência. O poder de terminar isso e também o desejo de terminar isso, toma conta do nosso protagonista e leva ele a cometer erros nos seus diagnósticos, ele prende a própria mulher na casa verde, pelo fato dela se falar sobre o que vai usar num baile. Ela não e há única ele prende o padre, a mulher do seu melhor amigo e por aí vai, levando isso ~~isso~~ já ver como esse livro é cheio de mistério, ação e um pouquinho de terror. Não recomendo esse livro só pelo fato de ser uma tarefa escolar, mas pelo fato de ser um livro que chamou a minha atenção, ele tomou toda a minha mente, tomou todo o meu tempo livre, e me levou para um universo totalmente diferente do meu.

Além de tudo que eu disse, a editora escola educacional, trouxe ilustrações incríveis que também influenciou muito no meu despertar por esse livro, a escrita também me ajudou bastante.

tlibra



Livro - O Alienista

autor - Machado de Assis

autor da recomendação - João Marcos Dias  
Mora no estado de São Paulo, em São  
Paulo Capital, tem 24 anos e ler os  
livros de Machado de Assis desde do  
13 anos e é um grande fã de Macha-  
do de Assis.

Recomendação:

Machado usa ironicamente o  
transparente da razão de mente,  
fluindo entre a razão e a loucura.  
Também questiona o papel destas  
linhas sobre o poder de ser racional  
ou desequilibrado importa para con-  
quistar o respeito e soberania. Nota-  
mente o pessimismo machadiano envolve  
sua narrativa "O Alienista", sendo  
que o próprio autor afirmou ser de  
humano a graciedade de parecer mal.

## APÊNDICE E

### FICHAS LITERÁRIAS PREENCHIDAS

**Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque**  
**Projeto Leitor: "Círculos de literatura"**  
**Facilitadora: Mestranda Luciane de Oliveira Bertulino Fernandes**

**UMA VIAGEM LITERÁRIA**

**Viagem realizada através do livro:** A Casa de Verão  
**Autor do livro:** Machado de Assis

**Leitor:** \_\_\_\_\_

**I – Nossas conexões pessoais:**

A história do livro se relaciona a algum acontecimento da sua vida ou da vida de alguém que você conhece? Descreva em poucas palavras. Não, mas conheço  
ninguém assim.

Você se identifica ou se sente muito diferente de algum dos personagens? Qual seria esse personagem e qual seria essa semelhança ou diferença? Fortunato, a  
minha diferença com ele, é que eu  
costo muito das pessoas do meu  
meio e fico muito triste quando as  
perco.

Gostaria de ter conhecido algum desses personagens na vida real? Qual? Sim,  
o Garcia, porque me identifiquei  
muito com ele.

**II – Elementos importantes da viagem literária:**

Qual a parte mais interessante do texto? A parte em que Fortunato  
com as pernas do rato, ficou  
indignado com a cidade de  
Blé.

Quem é o protagonista? Fortunato, pois os outros  
personagens se conhecem a partir dele  
o que o texto lhe fez entender sobre a vida?  
que se divertem com o sofrimen-  
to dos outros, e que tem que ter  
cuidado ao encontrar essas pessoas.

**III- Nossos sentimentos sobre a história:**

Que sentimentos foram despertados em você ao ler o livro? Indignação,  
e dor.

Que partes do livro fizeram com que você se sentisse assim? A parte  
em que Fortunato se sente  
ao ver sua esposa a beira  
da morte.

Você mudou de opinião em algum assunto ou reforçou alguma ideia ao ler esse livro?

Sim, reforcei a ideia de tentar ajudar pessoas como Fortunato.

**IV- Discutindo a criação do texto:**

Se pudesse falar com o autor, o que o perguntaria sobre o livro?

Como você escolheu Fortunato uma pessoa que precisa de ajuda de uma pessoa louca que não tem mais jeito.

Há algo ou alguém na história que você achou estranho?

Sim, a mania de medo dela e o marido dela sentia medo.

Há algo especial na escrita desse livro?

Sim, ele foi adaptado para uma leitura mais leve e divertida que influencia mais pessoas a lerem o livro.

(Ficha literária baseada em proposta apresentada no livro "Círculos de leitura e letramento literário" de Rildo Cosson, e adaptadas. As questões estão baseadas nas estratégias de compreensão da leitura citadas pelo autor, que enfocam estratégias de conhecimento prévio, conexão, inferência, visualização, perguntas ao texto, sumarização e síntese.)

Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque  
 Projeto Leitor: "Círculos de literatura"  
 Facilitadora: Mestranda Luciane de Oliveira Bertolino Fernandes

### UMA VIAGEM LITERÁRIA

Viagem realizada através do livro: A Lousa Secreta  
 Autor do livro: Machado de Assis

Leitor: \_\_\_\_\_

#### I – Nossas conexões pessoais:

A história do livro se relaciona a algum acontecimento da sua vida ou da vida de alguém que você conhece? Descreva em poucas palavras. Não.

Você se identifica ou se sente muito diferente de algum dos personagens? Qual seria esse personagem e qual seria essa semelhança ou diferença? Sim diferente. Fortunato sou diferente porque não sou sábio.

Gostaria de ter conhecido algum desses personagens na vida real? Qual? Sim. Garcia.

#### II – Elementos importantes da viagem literária:

Qual a parte mais interessante do texto? a parte que Fortunato ajudou um homem.

Quem é o protagonista? Fortunato.

O que o texto lhe fez entender sobre a vida? Que existi muitas pessoas ruins que só querem ver o fim dos outros.

#### III- Nossos sentimentos sobre a história:

Que sentimentos foram despertados em você ao ler o livro? Tristeza.

Que partes do livro fizeram com que você se sentisse assim? A parte que Fortunato matou o rato e a parte que Maria Luísa morreu e Garcia começou a chorar e o rio de Garcia.

Você mudou de opinião em algum assunto ou reforçou alguma ideia ao ler esse livro? Sim.

#### IV- Discutindo a criação do texto:

Se pudesse falar com o autor, o que o perguntaria sobre o livro? Porque ele criou um personagem satírico?

Há algo ou alguém na história que você achou estranho? Sim, Fortunato.

Há algo especial na escrita desse livro? Sim, Maria Luísa e Fortunato não formaram bonito e em dois dias se amaram mas o Garcia sim a amava, e isso reforça que temos que ir em busca do nosso amor verdadeiro.

(Ficha literária baseada em proposta apresentada no livro "Círculos de leitura e letramento literário" de Rildo Cosson, e adaptadas. As questões estão baseadas nas estratégias de compreensão da leitura citadas pelo autor, que enfocam estratégias de conhecimento prévio, conexão, inferência, visualização, perguntas ao texto, sumarização e síntese.)

Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque  
 Projeto Leitor: "Círculos de literatura"  
 Facilitadora: Mestranda Luciane de Oliveira Bertulino Fernandes

### UMA VIAGEM LITERÁRIA

Viagem realizada através do livro: A saia acastada  
 Autor do livro: Machado de Assis

Leitor: \_\_\_\_\_

#### I – Nossas conexões pessoais:

A história do livro se relaciona a algum acontecimento da sua vida ou da vida de alguém que você conhece? Descreva em poucas palavras. São

Você se identifica ou se sente muito diferente de algum dos personagens? Qual seria esse personagem e qual seria essa semelhança ou diferença? Sim, Fortunato  
Porque não sou rico

Gostaria de ter conhecido algum desses personagens na vida real? Qual? Sim  
Garcia

#### II – Elementos importantes da viagem literária:

Qual a parte mais interessante do texto? Quando Fortunato ajuda  
um mulato

Quem é o protagonista? Fortunato

O que o texto lhe fez entender sobre a vida? Que não tudo não existe  
apenas gente boa e

#### III- Nossos sentimentos sobre a história:

Que sentimentos foram despertados em você ao ler o livro? do, angustia,  
sofimento etc...

Que partes do livro fizeram com que você se sentisse assim? A hora que  
fortunato mata o rico.

Você mudou de opinião em algum assunto ou reforçou alguma ideia ao ler esse livro? Sim

**IV- Discutindo a criação do texto:**

Se pudesse falar com o autor, o que o perguntaria sobre o livro? Porque o  
motivo de fazer esse livro?

Há algo ou alguém na história que você achou estranho? Fortunata

Há algo especial na escrita desse livro? Sim. O final não foi  
como sempre e acabou com a terminação feliz

(Ficha literária baseada em proposta apresentada no livro "Círculos de leitura e letramento literário" de Rildo Cosson, e adaptadas. As questões estão baseadas nas estratégias de compreensão da leitura citadas pelo autor, que enfocam estratégias de conhecimento prévio, conexão, inferência, visualização, perguntas ao texto, sumarização e síntese.)

Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque  
 Projeto Leitor: "Círculos de literatura"  
 Facilitadora: Mestranda Luciane de Oliveira Bertulino Fernandes

### UMA VIAGEM LITERÁRIA

Viagem realizada através do livro: A causa secreta  
 Autor do livro: Machado de Assis

Leitor: \_\_\_\_\_

#### I – Nossas conexões pessoais:

A história do livro se relaciona a algum acontecimento da sua vida ou da vida de alguém que você conhece? Descreva em poucas palavras. não

Você se identifica ou se sente muito diferente de algum dos personagens? Qual seria esse personagem e qual seria essa semelhança ou diferença? Sim. O personagem Garcia porque ele ajuda as pessoas e ele também gosta de ajudar as pessoas

Gostaria de ter conhecido algum desses personagens na vida real? Qual? Sim. O Garcia

#### II – Elementos importantes da viagem literária:

Qual a parte mais interessante do texto? É quando Fortunata corta as patas do rato fazendo que o animal rapa e também é a parte

Quem é o protagonista? Fortunato

O que o texto lhe fez entender sobre a vida? Que há pessoas boas que gostam de ajudar e tem pessoas que gostam de ajudar as pessoas misteriosa

#### III- Nossos sentimentos sobre a história:

Que sentimentos foram despertados em você ao ler o livro? Sentimentos de curiosidade e ternura

Que partes do livro fizeram com que você se sentisse assim? A parte que Fortunata corta as patas do animal mal, a parte da esposa de Fortunato deprimida.

Você mudou de opinião em algum assunto ou reforçou alguma ideia ao ler esse livro? Sim

Ele deu uma ajuda e própria e me ajudou a madureza de pensar

#### IV- Discutindo a criação do texto:

Se pudesse falar com o autor, o que o perguntaria sobre o livro? Perguntaria

porque foi tão ruim um homem

Há algo ou alguém na história que você achou estranho? O Fortunato

porque ele é muito mal e estranho

Há algo especial na escrita desse livro? Percebi que há palavras

diferentes da linguagem de hoje

(Ficha literária baseada em proposta apresentada no livro "Círculos de leitura e letramento literário" de Rildo Cosson, e adaptadas. As questões estão baseadas nas estratégias de compreensão da leitura citadas pelo autor, que enfocam estratégias de conhecimento prévio, conexão, inferência, visualização, perguntas ao texto, sumarização e síntese.)

Escola Estadual Dr. Carlos Albuquerque  
 Projeto Leitor: "Círculos de literatura"  
 Facilitadora: Mestranda Luciane de Oliveira Bertulino Fernandes

### UMA VIAGEM LITERÁRIA

Viagem realizada através do livro: A causa secreta  
 Autor do livro: Machado de Assis

Leitor: \_\_\_\_\_

#### I – Nossas conexões pessoais:

A história do livro se relaciona a algum acontecimento da sua vida ou da vida de alguém que você conhece? Descreva em poucas palavras. Não, porque até onde eu sei ninguém da minha família se relaciona com a história do livro.

Você se identifica ou se sente muito diferente de algum dos personagens? Qual seria esse personagem e qual seria essa semelhança ou diferença? Eu me sinto bem diferente de Perumato, porque ao contrário dele eu gosto de ser as pessoas felizes.

Gostaria de ter conhecido algum desses personagens na vida real? Qual? Sim, gostaria de ter conhecido, o Garbacia, porque ele é gentil.  
 gentil

#### II – Elementos importantes da viagem literária:

Qual a parte mais interessante do texto? A parte em que Perumato, tortura o rato.

Quem é o protagonista? Garbacia

O que o texto lhe fez entender sobre a vida? Ele me fez entender que a vida é única.

#### III- Nossos sentimentos sobre a história:

Que sentimentos foram despertados em você ao ler o livro? Raiva, porque as pessoas fazem isso com a vida.

Que partes do livro fizeram com que você se sentisse assim? As partes da tortura.

Você mudou de opinião em algum assunto ou reforçou alguma ideia ao ler esse livro? nao, fiquei com minha mesma opiniao.

**IV- Discutindo a criação do texto:**

Se pudesse falar com o autor, o que o perguntaria sobre o livro? Como voce teve a ideia de criar este livro.

Há algo ou alguém na história que você achou estranho? Sim, A parte da tortura

Há algo especial na escrita desse livro? Sim, Os quadinhos

(Ficha literária baseada em proposta apresentada no livro "Círculos de leitura e letramento literário" de Rildo Cosson, e adaptadas. As questões estão baseadas nas estratégias de compreensão da leitura citadas pelo autor, que enfocam estratégias de conhecimento prévio, conexão, inferência, visualização, perguntas ao texto, sumarização e síntese.)